



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES
AMAZÔNICAS

RONNEY RIBEIRO BATISTA

**ESTUDO DAS AÇÕES CULTURAIS PREVISTAS NO PROCAMBIX PARA O
POVO INDÍGENA AKWÊ/XERENTE DE 2002 A 2009**

Porto Nacional - TO.
2022

RONNEY RIBEIRO BATISTA

**ESTUDO DAS AÇÕES CULTURAIS PREVISTAS NO PROCAMBIX PARA O
POVO INDÍGENA AKWÊ/XERENTE DE 2002 A 2009**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós - Graduação em História das Populações Amazônicas, da Universidade Federal do Tocantins, como parte dos pré-requisitos para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Memórias, patrimônios e organização dos espaços culturais amazônicos.

Orientador: Prof. Dr. Odair Giraldin.

Porto Nacional – TO, 2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B333e Batista, Ronney Ribeiro.

Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwê/Xerente de 2002 a 2009. / Ronney Ribeiro Batista. – Porto Nacional, TO, 2022.

75 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em História das Populações Amazônicas (PPGHSPAM), 2022.

Orientador: Odaír Giraldiv

1. Xerente. 2. Procambix. 3. Cultura. 4. Compensação Ambiental. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

RONNEY RIBEIRO BATISTA

ESTUDO DAS AÇÕES CULTURAIS PREVISTAS NO PROCAMBIX PARA O POVO INDÍGENA AKWÉ/XERENTE DE 2002 A 2009

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas da Universidade Federal do Tocantins. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em História e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Odair Giralдин - UFT (PPGHISPAM - Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Regina Célia Padovan – UFT (PPGHISPAM - Examinadora interna)

Prof. Dr. Odilon Rodrigues de Moraes Neto – UFT (Pedagogia – Miracema do Tocantins) (Examinador externo)

Porto Nacional-TO, 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família, ao Monsenhor Jones Pedreira, à Universidade Federal do Tocantins e aos professores do Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas na pessoa do meu orientador neste trabalho, o professor Dr. Odair Giraldin.

RESUMO

Esta dissertação intitulada “Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwẽ/Xerente de 2002 a 2009” tem como objetivo analisar as metas do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente na parte da cultura para apontar a efetividade ou não das ações culturais previstas com a finalidade de mitigar os impactos culturais ao povo indígena Akwẽ/Xerente e por fim refletir sobre esse programa que perpassa pela cultura do povo Xerente. Analisa-se, dentre outras, as metas referentes à Construção da Casa da Cultura Xerente, às capacitações de professores e lideranças Xerentes, além de investigar como o programa pôde colaborar na salvaguarda da cultura Akwẽ. O Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente, também chamado de PROCAMBIX, foi realizado entre 2002 e 2009 depois de um diagnóstico Etnoambiental que apontou os danos nas terras e na cultura indígena causados pela construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, conhecida como UHE Lajeado, localizada na cidade de Lajeado-TO. Sua barragem atinge alguns municípios vizinhos, tais como Miracema do Tocantins e Tocantínia, incluindo assim as terras indígenas Xerente e Funil. Neste sentido, esta dissertação é de natureza qualitativa, a partir do método da história oral, na perspectiva da história cultural. Alguns documentos da casa de Cultura Xerente foram analisados, tais como o projeto inicial do PROCAMBIX e o relatório final de resultados, além de artigos e imagens e das entrevistas orais realizadas por plataformas digitais com indígenas e não indígena para esta dissertação. Obtivemos como resultados da pesquisa informações importantes que apontam que o programa de compensação não atingiu 100% de suas metas previstas, houve grandes burocracias no desenvolvimento das ações e a duração do mesmo foi questionada e se mostrou insuficiente. Quanto à colaboração do PROCAMBIX à salvaguarda da cultura Akwẽ/Xerente não se pode dizer que o programa salvaguardou a cultura em si, todavia notou-se que o programa exerceu incentivo durante sua execução a partir dos recursos financeiros alocados, que por sua vez permitiram realizar eventos culturais e os registros destes em imagens CD's e DVD e possibilitou assim o arquivamento destes momentos culturais na forma de acervos históricos do povo indígena Akwẽ/Xerente.

Palavras-chaves: Xerente. Procambix. Cultura. Compensação ambiental.

ABSTRACT

This dissertation entitled “Study of cultural actions foreseen in PROCAMBIX for the Akwẽ/Xerente indigenous people from 2002 to 2009” aims to analyze the goals of the Xerente Indigenous Environmental Compensation Program in terms of culture to point out the effectiveness or not of the actions cultural activities planned with the aim of mitigating the cultural impacts on the Akwẽ/Xerente indigenous people and, finally, reflecting on this program that permeates the culture of the Xerente people. Among others, the goals related to the construction of the Casa da Cultura Xerente, the training of teachers and Xerente leaders are analyzed, as well as investigating how the program could finally collaborate in safeguarding the Akwẽ culture. The Xerente Indigenous Environmental Compensation Program, also called PROCAMBIX, was carried out between 2002 and 2009 after an Ethno-environmental diagnosis that pointed out the damage to indigenous lands and culture caused by the construction of the Luiz Eduardo Magalhães Hydroelectric Power Plant, known as UHE Lajeado. Located in the city of Lajeado -TO, where its dam reaches some neighboring municipalities such as Miracema do Tocantins and Tocantínia, thus including the Xerente and Funil indigenous lands. In this sense, this dissertation is qualitative in nature, based on the method of oral history in the perspective of cultural history. Some documents from the Casa de Cultura Xerente were analyzed, such as the initial PROCAMBIX project and the final results report, in addition to articles and images and oral interviews carried out by digital platforms with indigenous and non-indigenous people for this dissertation. As a result of the research, we obtained important information that point out that the compensation program did not reach 100% of its planned goals, there were large bureaucracies in the development of actions and the duration of the program was questioned and proved to be insufficient. As for the collaboration of PROCAMBIX to safeguard the Akwẽ/Xerente culture, it cannot be said that the program safeguarded the culture itself, however, it was noted that the program exerted an incentive during its execution from the allocated financial resources, which in turn allowed for events to be held. and their records in CD and DVD images and thus made it possible to archive these cultural moments in the form of historical collections of the Akwẽ/Xerente indigenous people.

Key-words: Xerente. Procambix. Culture. Environmental compensation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Guerreiros de paz: Pedro e Lenivaldo na Aldeia Recanto Krite, 2004	48
Figura 2 - Casa dos Guerreiros de paz na Aldeia Recanto Krite - Pedro à frente 2004	48
Figura 3 - Casa da Cultura Xerente: frente	61
Figura 4 - Casa da Cultura Xerente: entrada frontal com cabana	61
Figura 5 – Banner do Centro de Memória Xerente da Casa de Cultura	62

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Terra indígena Akwẽ/Xerente

30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Censo dos Xerente e Xavante	32
Tabela 2 – Valores previstos e valores repassados pela Investco ao Procambix (R\$)	52
Tabela 3 – Porcentagem (%) do total anual de recursos destinada a cada um dos projetos do Procambix conforme definições do PAT 2002	53
Tabela 4 – Centro Cultural: objetivos, atividades & metas e resultados esperados	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIA – Associação Indígena Akwê

AKWÊ/XERENTE – Povo indígena localizados à margem direita do rio Tocantins próximos aos municípios de Tocantínia -TO, Miracema do Tocantins e Lajeado - TO nas terras indígenas Xerente e Funil.

CDIG – Conselho Deliberativo Interinstitucional Gestor do Procambix

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

GERA – Núcleo de Estudos e Pesquisas do Pantanal, Amazônia e Cerrado

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INVESTCO S.A – É uma empresa de energia que foi constituída para administrar, manter e operar a Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, sendo titular exclusiva dos ativos que compõem a UHE.

OPAN – Operação Amazônia Nativa

PAT – Plano Anual de Trabalho

PROCAMBIX – Programa de Compensação Ambiental [Indígena] Xerente

SEDUC -TO – Secretaria de Educação do estado do Tocantins

TI – Terra Indígena

UHE – Usina Hidrelétrica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	A história do povo Akwê/Xerente	29
1.2	A tradição oral dos Akwê/Xerente	35
1.3	A história cultural para e através do Akwê/Xerente	41
2	O PROGRAMA DE COMPENSAÇÃO AMBIENTAL INDÍGENA XERENTE (PROCAMBIX): METAS DAS AÇÕES SOBRECULTURA	45
2.1	PROCAMBIX – as metas e suas efetividades propostas para a cultura Akwê/Xerente	45
2.2	Os recursos financeiros do PROCAMBIX aplicados no subprojeto da cultura	51
2.3	Ações realizadas e não realizadas na execução do subprojeto da cultura	54
3	O PROCAMBIX E A CASA DA CULTURA AKWÊ/XERENTE	57
3.1	Trajetória da efetivação da Casa da Cultura Akwê	57
3.2	Acervo reunido e tratamento físico e digital recebido	62
3.3	Formas de acesso ao acervo e sua utilização atual	64
3.4	O que pensam alguns Akwê/Xerente atualmente sobre a casa de cultura	65
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em História e Cultura das Populações Amazônicas, tem como título “Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwê/Xerente de 2002 a 2009” e visa identificar e analisar as metas do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente (PROCAMBIX¹) para mitigar os impactos culturais advindos da construção da UHE² Luiz Eduardo Magalhães, localizada no rio Tocantins entre os municípios de Miracema do Tocantins e Lajeado no Estado do Tocantins.

O interesse pelo tema surgiu do desejo de compreender comunidades tradicionais tão logo buscou-se entender o Programa de compensação Ambiental Xerente e a cultura do povo indígena Xerente (sua forma de viver, sua cosmologia, suas pinturas corporais, política interna), no sentido de desmistificar as ideias pré-concebidas de “índio” no imaginário coletivo (sujeitos passivos e preguiçosos que vivem na natureza como se fossem selvagens é o que muitos jovens e adultos brasileiros pensam, porém isso não procede). Como professor da disciplina de História do ensino básico da rede pública de ensino do Estado do Tocantins, pude perceber ao longo de 4 anos (2018 a 2021) que os estudantes identificam o indígena no geral como se fosse um só, como se não tivesse várias etnias, como se não tivesse línguas diferentes; são vários estereótipos. Essa falta de conhecimento da população brasileira para com a comunidade indígena despertou-me para o desejo de pesquisar e expor os resultados desta dissertação nas escolas de educação básica onde atuo como professor.

O objetivo geral desta dissertação é analisar o Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente (PROCAMBIX) a partir do subprojeto da cultura. Seus objetivos específicos pautam-se em investigar quais foram as ações propostas no PROCAMBIX para o subprojeto da cultura, investigar quais foram as ações realizadas e as que deixaram de ser efetivadas, assim como refletir sobre as ações realizadas e seus desdobramentos ao longo do tempo.

Neste sentido, nesta pesquisa observa-se as ações alcançadas e as não efetivadas pelo PROCAMBIX e pontua-se manifestações da cultura Akwê/Xerente que estavam sob a ótica deste programa e, então, responde-se alguns questionamentos. Já que o referido

¹ PROCAMBIX: Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente realizado no município de Tocantínia de 2002 a 2009 com a finalidade de mitigar os impactos ambientais e culturais acarretados aos Akwê/Xerente decorrentes da construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães.

² UHE é a sigla usada para representar Usina Hidrelétrica, um empreendimento que utiliza a força e a pressão da água para gerar Energia Elétrica.

programa trata também de mitigação de impacto ambiental, pontua-se que nesta dissertação o foco é analisar o impacto sobre a cultura do povo Xerente somente, e não o impacto ambiental em si.

Os Akwẽ/Xerente³ são um povo indígena que vivem no Estado do Tocantins. De acordo com Giralдин (2010) o povo indígena Xerente

autodenomina-se Akwẽ e pertence, linguisticamente, ao tronco Macro-Jê, à família Jê-Central, compartilhando esta família com os Akwẽ-Xavante e os Xakriabá. Organizam-se socialmente em duas metades (Doi e Wahire) compostas cada uma por três clãs exogâmicos e patrilineares: Kuzà, Kbazi, Kritó / Wahire, Krozake e Krẽprehi, respectivamente. Além dos clãs, cuja afiliação é definida pela filiação patrilinear, os Xerentes possuem também uma divisão em quatro classes cerimoniais, que são: Krará, Krrekmõ, Amnõrõwa e Akemhã. O pertencimento a uma dessas classes é definido pela posição de nascimento da pessoa no rol de filhos de um homem (GIRALDIN, 2010, p. 32).

No que se refere ao território ocupado pelo povo Akwẽ/Xerente, observa-se que “Os Akwẽ/Xerente vivem no centro do Estado do Tocantins, em território de 183.245 ha, demarcado e homologado entre os rios Sono e Tocantins, composto por duas terras indígenas: Xerente com 167.542 ha e Funil com 15.703 ha, mas formando um território contínuo{...}” (GIRALDIN, 2010, p. 33).

De acordo com De Paula (1999) “existem alguns relatos orais indígenas que levantam a hipótese de que os Akwẽ teriam, em tempos imemoriais, ocupado áreas próximas ao mar. Entretanto, a historiografia oficial assinala que os primeiros contatos entre os Akwẽ e segmentos não-indígenas remontam ao século XVII, com a chegada de missões jesuítas e colonizadores (bandeiras e entradas) ao centro-oeste brasileiro” (DE PAULA, 1999, p. 2).

O objeto de investigação desta dissertação - o Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente (PROCAMBIX), foi um programa realizado entre 2002 e 2009 em Tocantínia - TO, com a finalidade de recompensar o povo indígena Akwẽ/Xerente pelos impactos ambientais e culturais decorrentes da construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, cujo início foi em 1998 sendo finalizada em 2000, com o lago ocupando uma área total de 750 km² a partir do Rio Tocantins (DE PAULA, 2005, p. 712).

Cabe ressaltar que quem propôs a criação do PROCAMBIX foram os indígenas Akwẽ/Xerente, impactados pela construção da usina hidrelétrica, que desejavam uma

³ Akwẽ/Xerente: Neste trabalho utiliza-se o termo no singular usado por Giralдин, 2010.

reparação pelos danos culturais causados ao povo Akwẽ/Xerente nas suas terras indígenas no município de Tocantínia-TO. Sendo assim o PROCAMBIX buscou diminuir, reparar ou mitigar os danos causados.

A Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães foi construída entre os anos de 1998 e 2000 no leito do Rio Tocantins na cidade de Lajeado, atingindo as terras e cultura do povo Akwẽ/Xerente de várias maneiras, dentre elas Lima (2017) afirma que “As roças, por exemplo, dependiam sobremaneira do ritmo anual de cheias e vazantes do curso d’água, que foram definitivamente modificados com a chegada das grandes obras”. Neste sentido, “tais mudanças criam dificuldades para os povos Akwẽ/Xerente de realizarem suas práticas tradicionais” (LIMA, 2017, p. 152).

Foi com base nesses e demais motivos que os Akwẽ/Xerente se reuniram e reivindicaram medidas compensatórias para mitigar os impactos causados pela UHE Luiz Eduardo Magalhães. Nos estudos da INVESTCO a barragem ficou a uma distância de aproximadamente 15 km das terras indígenas e por esse motivo a INVESTCO S.A⁴ (empresa responsável pela usina hidrelétrica) não reconheceu de imediato, logo no início do empreendimento (1998 a 1999), o impacto que a usina causou ao povo Akwẽ/Xerente. Por isso, foi preciso fazer um diagnóstico etnoambiental Xerente, de 1999 ao ano 2000, que apontou os impactos e assim os Akwẽ/Xerente reivindicaram os seus direitos através da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão que representa este povo indígena, além do Ministério Público do Tocantins. De acordo com De Paula (2005):

para subsidiar a elaboração das medidas compensatórias, uma equipe multidisciplinar coordenada por membros das ONGs Grupo de Estudos do Cerrado (Gera) e Operação Amazônia Nativa (Opan) produziu um “Diagnóstico Etnoambiental Xerente”, em 1999 e 2000. O diagnóstico indicou três eixos básicos para nortear as medidas compensatórias que viriam futuramente compor o Programa de Compensação Ambiental Xerente (PROCAMBIX): “cultura e cidadania”, para valorização das expressões culturais, apoio a novas formas de organização e garantia dos direitos à saúde e educação; “território e recursos naturais”, para conservação e proteção das terras tradicionalmente ocupadas; e “segurança alimentar e geração de renda”, para maior disponibilidade de alimentos e alternativas de produção (DE PAULA, 2005, p. 712).

Depois de vários embates ocorridos em audiências públicas no ano 2000 sobre as medidas compensatórias entre a INVESTCO S.A. e os Akwẽ/Xerente, com o povo indígena representado pela FUNAI, ficou estabelecido o valor de 10 milhões de reais que

⁴ A INVESTCO é uma empresa de energia formada pela Lajeado Energia S.A (EDP), A CEB Lajeado S.A (CEB-L) e Paulista Lajeado Energia S.A (CPFL), sócios majoritários que detêm 100% das ações ordinárias (com direito a voto) da empresa. A INVESTCO foi constituída para administrar, manter e operar a Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, sendo titular exclusiva dos ativos que compõem a Usina. Fonte: <http://www.lai.ceb.com.br/site/index/5>

foram divididos em parcelas semestrais ao longo de oito anos (2002 a 2009) para serem investidos em vários projetos do programa. Neste contexto, surgiu o PROCAMBIX - Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente - com o objetivo de mitigar os impactos causados ao povo Akwê/Xerente.

Assim estavam compostos os três eixos básicos do PROCAMBIX, segundo Roberto de Paula (2005):

1. Cultura e Cidadania

Os objetivos principais eram: a valorização das expressões culturais, o apoio a novas formas de organização e a garantia dos direitos à saúde e educação. Para alcançar tais objetivos, foram sugeridas as seguintes diretrizes:

- Oficina para Capacitação de Associações e Lideranças
- **Construção de uma Casa da Cultura Akwê**
- Capacitação de Recursos Humanos na Saúde Indígena
- Oficina sobre Distritalização e Atenção à Saúde Indígena
- Sistema de Saneamento Básico
- Formação de Professores Indígenas
- Atendimento ao Ensino Fundamental

2. Território e Recursos Naturais

Objetivos principais: conservação ambiental e proteção das terras tradicionalmente ocupadas.

Diretrizes:

- Reestudo dos Limites do Território Tradicional
- Manutenção da Integridade Territorial
- Uso e Controle do Fogo
- Conservação de Microbacias Hidrográficas

3. Segurança Alimentar e Geração de Renda

Objetivo principal: maior disponibilidade de alimentos e alternativas de produção. Diretrizes:

- Mecanização Agrícola
- Quintais domésticos e Criação de Galinhas
- Centros de Reprodução de Recursos Genéticos Vegetais
- Aproveitamento dos Recursos do Extrativismo Vegetal
- Manejo de Recursos Pesqueiros
- Apicultura e Manejo de Abelhas Silvestres

(DE PAULA, 2005, p. 713)

Nota-se que a segunda diretriz do eixo da cultura e cidadania (em negrito acima) é a construção de uma Casa da Cultura Akwê, que, a princípio, gerou controvérsias. Nas palavras do antropólogo De Paula “havia uma polêmica entre os Xerente se a Casa de Cultura deveria ser estabelecida em Tocantínia (por ser mais próxima às TIs⁵), ou em Palmas (por ser a capital), ou em Lajeado (cidade em expansão depois da construção da UHE), ou mesmo dentro da TI” (DE PAULA, 2005, p. 712). Depois de vários debates, a Casa da Cultura Akwê foi construída na cidade de Tocantínia e abriga acervos da cultura do povo Akwê/Xerente.

⁵ TIs: Sigla que significa Terras Indígenas.

Para entender porque foi necessário criar o PROCAMBIX, é necessário compreender o modo de viver dos Akwẽ/Xerente. A barragem da usina alterou a relação de produção de alimentos nas roças e no acesso aos recursos pesqueiros do rio Tocantins e seus afluentes. A pesca e a forma de cultivarem suas plantações (a roça de toco e coivara), modo tradicional pelo qual adquirem alimentos para sua subsistência, foram impactados.

A roça de toco e coivara sempre foi ao longo do tempo a forma mais utilizada pelo povo Akwẽ/Xerente, pois aproveitavam as cheias do Rio Tocantins (os que vivem às margens do rio) e, posteriormente, quando a água baixava, aproveitavam o solo fértil das vazantes para plantar, principalmente arroz, feijão, mandioca e milho. De Paula (1999) corrobora com esse entendimento afirmando que:

As roças localizam-se, em sua grande maioria, nas imediações das aldeias, junto a ribeirões e córregos próximos a matas-galeria. Outro tipo de roça muito utilizada pelos Xerente é feita junto à margem do rio Tocantins, em quase toda a fronteira oeste do território, ocupando cerca de 12 km de extensão (DE PAULA, 1999, p. 6)

Sendo assim, a justificativa para a escolha deste tema de dissertação se dá através de três elementos.

Primeiro: busca de respostas para compreender as lacunas que foram deixadas pelo Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente como, por exemplo, por que a duração do programa ficou limitada a 08 anos, já que os impactos culturais durarão para sempre ou pelo menos enquanto a usina existir? O outro ponto é saber o porquê de os órgãos responsáveis não promoverem uma capacitação adequada para os envolvidos no programa. Esse problema se demonstra nas palavras de Waikarñase Xerente em entrevista para Setubal (2019):

O foco de todo mundo estava no programa, ninguém dava educação. Ninguém na FUNAI, por exemplo, nos preparou para a gestão do programa. Então, o programa era tudo ali e eu estava ali no fogo cruzado. Realmente foi difícil: administrar onde a lei te envolve, onde a lei te responsabiliza, onde tem o procurador fiscalizando o recurso, onde tem a FUNAI disputando recurso, onde tem empreendedor que também quer o resultado deste recurso que foi repassado (SETUBAL, 2019, p. 178).

O foco central é verificar a efetividade do PROCAMBIX na parte da cultura e se realmente alcançou as ações planejadas para mitigar os danos causados à cultura do povo Akwẽ/Xerente.

Segundo: o tema desta pesquisa tem relevância para a sociedade em geral, uma vez que os problemas dos povos indígenas, tais como a falta de incentivo para a manutenção das suas práticas culturais tradicionais, ou a intensa invasão da sociedade não indígena nos seus territórios e os grandes empreendimentos, como o da UHE Luiz Eduardo Magalhães, causam problemas e não apresentam atualmente soluções ou respostas convincentes para os Akwẽ/Xerente.

Terceiro: em termos teóricos e acadêmicos esta pesquisa pauta-se na história cultural, através de autores como Clifford Geertz (2008), Manuela Carneiro da Cunha (2009) e Roger Chartier (2002), visto que esta é uma corrente interpretativa que consegue compreender algumas nuances da vivência do povo Akwẽ/Xerente de Tocantínia, através de uma configuração metodológica focada na investigação, análise e cruzamento de dados com o método da história oral.

Clifford Geertz (2008) através de sua obra “A interpretação das culturas”, entende a cultura como sendo uma composição de significados que as pessoas dão às suas próprias ações e até mesmo aos objetos. Geertz (2008) afirma que o “homem é um animal amarrado a teias de significados, que ele mesmo teceu”, por isso interpreta “a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (GEERTZ, 2008, p. 4).

Nesse sentido, não podemos afirmar que exista um significado geral estabelecido, mas que o significado atribuído a determinados contextos são dados por aqueles que convivem naqueles ambientes. A título de exemplificação, a pesca para um homem comum de 30 anos de idade que vive na cidade, tem como significado uma atividade de lazer ou de esporte (no caso da pesca esportiva), já para um homem dentro dos mesmos padrões, porém um indígena Akwẽ/Xerente que vive na aldeia, essa mesma atividade tem um significado diferente, que pode ser sobrevivência e alimentação.

Geertz (2008, p.8) afirma que “a cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros”. Geralmente, a cultura de uma comunidade ou grupos de pessoas perpassa pela coletividade, por isso quando a pessoa age, deve estar de acordo com a comunidade da qual pertence e suas atitudes devem ser aceitas pela comunidade. Quando se trata de saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros, isso se aplica a outros aspectos da cultura Akwẽ/Xerente de Tocantínia, como é caso dos cantos e artesanatos ensinados e aprendidos nas aldeias.

Ao analisar a criação do PROCAMBIX, nota-se que foi uma iniciativa coletiva do povo Akwẽ/Xerente, no sentido de criar um projeto que, em certa medida, os pudesse recompensar pelos danos causados a sua cultura depois da construção da UHE Luiz Eduardo Magalhães. Houve uma organização entre as lideranças dos clãs que formam o povo Akwẽ/Xerente.

Essa forma de pensar e agir do povo Akwẽ/Xerente forma a sua cultura e a torna particular. É nesse sentido que se apresenta a cultura em si de acordo com Cunha (2009), mas para perceber a cultura deste povo é necessário também interpretá-la de forma coerente.

Na perspectiva de Geertz (2008), quando entendemos os significados dos seus costumes, entendemos sua cultura. Outro fator importante que Geertz (2008) aborda é que a “cultura é pública porque o significado o é” (GEERTZ, 2008, p. 9). O significado da cultura tem publicidade, pois dentro de uma comunidade todos devem saber e agir a partir dos mesmos conceitos fundamentais. Não teria sentido se o significado das coisas fosse apenas particular, nesse caso não seria cultura e não seria reconhecido pelos membros da comunidade.

Um ponto importante desta pesquisa é o fato do Estado do Tocantins estar inserido na Amazônia Legal e, assim, propiciar um melhor diálogo com as populações tradicionais, neste caso os Akwẽ/Xerente e também evidenciar a forma como está estruturada a comunidade indígena Akwẽ/Xerente no âmbito cultural na atualidade e suas relações com sua cultura e o seu passado, presentes nas ações efetivadas (ou não) no PROCAMBIX.

Esta dissertação irá contribuir para a sociedade, de modo geral, como registro historiográfico, pensando no momento presente (2021), em que os povos indígenas de todo Brasil estão em foco por causa das terras indígenas, que na visão de grandes produtores, pecuaristas e mineradores impedem o desenvolvimento do país; também no sentido humano, visto que o povo Akwẽ/Xerente sofreu impactos culturais advindos de grandes empreendimentos. Finalmente, contribuirá para que, se houve equívocos, que não se repitam no futuro.

Alguns questionamentos são postos nesta dissertação, tais como: Qual a efetividade do PROCAMBIX para o povo Akwẽ/Xerente no tocante às metas propostas no âmbito da cultura? Qual foi o investimento em reais aplicado ao PROCAMBIX para ações culturais? Quais ações sobre cultura foram propostas e quais foram realmente efetivadas? Como os Akwẽ/Xerente veem a Casa de Cultura?

Neste sentido, a problemática central deste trabalho está pautada no seguinte questionamento: Quais ações e até que ponto o Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente conseguiu realizar as ações propostas no subprojeto da cultura na perspectiva de salvaguardar a cultura Akwê/Xerente?

De acordo com as pesquisas realizadas, alguns autores já fizeram trabalhos acadêmicos com o mesmo povo objeto desta dissertação. Cabe aqui citar os mais relevantes que discorrem sobre o povo Akwê/Xerente e também sobre o Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente, presentes no campo da História e da Antropologia.

Cleube Alves da Silva (2006) realizou uma dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, Área de Concentração em História, Região e Identidades, com o título “Confrontando mundos: Os Xerente, Xavante, Xakriabá e Akroá e os contatos com os conquistadores da Capitania de Goiás (1749-1851)” com o objetivo de saber como os grupos indígenas Xerente, Xavante, Xakriabá e Akroá criaram elementos e novas conexões étnicas e culturais frente à situação criada pelos contatos com os conquistadores luso-brasileiros na Capitania de Goiás, no período de 1749 a 1851.

Silva (2006) aborda aspectos do contato entre os Akwê/Xerente e não indígenas. Relata que as entradas e bandeiras (expedições particulares realizadas principalmente por paulistas que buscavam ouro, escravos e indígenas para a mão de obra) do século XVIII acirraram o contato entre os Akwê/Xerente. Sobre a localização, Silva (2006) aponta que “os Xerente habitavam principalmente os territórios à margem direita do Rio Tocantins. Ao Norte, viviam nos territórios banhados pelo rio Manoel Alves Grande e, mais ao sul, ocupavam as terras que margeiam os rios do Sono e Balsas” (SILVA. 2006, p. 54).

Sobre o artesanato Silva (2006) evidenciou que uma “pesquisa recente tem apontado que os Xerente têm desenvolvido o manejo do capim dourado (*Syngonantus sp*) para a confecção de artesanato com fins de atender uma demanda criada pelo mercado regional (SILVA. 2006, p. 61).

Giraldin e Silva (2002) abordam em seu artigo que os Akwê/Xerente tiveram dois momentos de contato com os não índios, uma na primeira metade do século XVIII e a outra na segunda metade do século XIX. Na primeira fase houve confrontos entre não índios e os indígenas, principalmente depois da ação da Carta Régia de 5 de setembro de 1811, que concedia a quem fosse se estabelecer às margens do rio Tocantins, as mesmas

vantagens concedidas aos moradores de Minas Gerais com relação ao rio Doce. Segundo Giralдин e Silva (2002) os privilégios concedidos pela referida Carta Régia eram:

- 1 – permitia-se a guerra ofensiva contra os índios e a possibilidade de escravizar, aqueles que fossem aprisionados, durante um período de dez anos, ou pelo tempo que durasse a sua “ferocidade”;
 - 2 – estabelecia-se em dez anos a liberdade de exportação e importação, com isenção dos impostos, de todos os gêneros comercializáveis, que fossem feitos pelo rio Tocantins.
 - 3 – concedia-se moratória de seis anos aos devedores da Fazenda Real que fossem se estabelecer às margens do mesmo rio;
 - 4 – isentava-se, por dez anos, o pagamento de dízimos para aqueles que fossem ocupar as terras dos índios.
- (GIRALDIN; SILVA, 2002, p. 4)

Depois desses privilégios, teve início uma série de conflitos envolvendo os Akwẽ/Xerente e não indígenas interessados em escravizá-los ou invadir suas terras. Os autores apontam, no artigo, várias expedições que foram realizadas por homens de Porto Real, Monte do Carmo e Natividade juntos, contra esses indígenas.

Já na segunda fase surgiram os aldeamentos e a relação foi amistosa havendo neste sentido a adoção por parte dos indígenas, da cultura não indígena, visto que “tal medida foi uma opção estratégica que serviu para a preservação do grupo e sua identidade” (GIRALDIN; SILVA. 2002, p. 1).

Neste sentido, há uma nova postura por parte dos Akwẽ/Xerente. Nas palavras de Giralдин e Silva (2002) “o certo é que se percebe uma nova atitude dos Xerente. Isto pode estar relacionado a um declínio populacional dos habitantes daquele aldeamento, pois em Tereza Cristina, em 1851, reunia-se um número de 3.800 pessoas, entre Xerente e Xavante” (GIRALDIN; SILVA. 2002, p. 11). Este trabalho de Giralдин e Silva (2002), de modo geral, levanta argumentos de como foi o contato entre os Akwẽ/Xerente e os não indígenas no século XVIII e XIX.

Sylvia Salla Setubal (2019), então aluna da Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins – UFT e também professora do Instituto Federal do Tocantins Campus de Palmas, realizou uma entrevista com o indígena Akwẽ/Xerente chamado Paulo Waikariñase Xerente, que participou como gerente-executivo e membro do Conselho Gestor no PROCAMBIX. O título da entrevista é: “Gerenciando programas de compensação ambiental de usinas hidrelétricas: relato de uma experiência indígena no PROCAMBIX”. A entrevista foi realizada em duas etapas entre 2016 e 2017. Segundo Setubal o objetivo da entrevista foi o de

Apresentar a experiência de povos indígenas no processo de gestão e execução de programas de compensação ambiental de

empreendimentos hidrelétricos, relatando suas dificuldades, apreensões e angústias que permearam sua trajetória durante o desenvolvimento do programa (SETUBAL, 2019, p. 166).

Adiante segue um trecho da entrevista em que Setubal (2019) pergunta Waikarnase Xerente sobre o que foi o programa:

Pesquisadora: O que foi o Procambix? E como ele foi estruturado?

Paulo Waikarnase Xerente: Depois que saiu o EIA-RIMA da usina de Lajeado, nele estava escrito que a Terra Indígena Xerente não seria impactada, porque estava abaixo (jusante) da barragem e, por isso, o povo Xerente não seria inserido nos Programas Básicos Ambientais para efeito da mitigação dos impactos. Foi então que a Funai, junto com outros órgãos governamentais, como Ibama, Naturatins, MPF e o Cimi, fez articulação com o povo Xerente. Na época nós tínhamos mais ou menos 12 aldeias, sendo que na margem do Rio Tocantins eram 5 aldeias: a Funil, a Porteira, o Varjão, a Bela Vista e do Salto. Então, na visão, na ótica da empresa construtora, a Investco, somente poderiam ser compensadas as aldeias que estariam sendo afetadas diretamente, por estarem na margem do Rio Tocantins. Neste momento, entra a Funai para ajudar a negociação do povo indígena e entender o contexto de ser atingido ou não pela obra. O povo Xerente não deixa de ser impactado, pois o pessoal já fazia as roças de vazante nas margens do Tocantins. Após os períodos de enchente, desde muitos anos atrás, nossos antepassados já faziam. E, uma informação certa, repassada pelos técnicos da usina, é que as roças de vazante não iriam mais existir. O Programa de Compensação Ambiental Xerente, chamado de Procambix, aconteceu após muitas reuniões, às vezes internamente na comunidade, e outras junto com a Funai, com o Ministério Público. Tiveram audiências e comunicações, por um lado, com a empresa [Investco] do consórcio, e outras vezes com os órgãos fiscalizadores e instituições [Naturatins, Ibama, MPE, MPF] que também eram peças fundamentais para o bom andamento do programa. {...} Durante oito anos, estive à frente deste programa, que, para mim foi um choque muito grande. Porque foi um programa com um valor, um recurso financeiro muito alto (eram 10 milhões de reais), sendo acompanhado por um Conselho Gestor, que era um tipo de órgão fiscalizador, onde os conselheiros aprovavam os recursos financeiros de um Plano Anual de Trabalho. Os conselheiros eram paritários; foram escolhidos cinco indígenas, representantes dos cinco postos indígenas existentes nas Terras Indígenas Xerente e Funil: um representante do Posto Indígena Xerente, um do Posto Indígena Brejo Comprido; um do Posto Indígena Brupré; um do Posto Indígena Rio do Sono e um do Posto Indígena Funil. E, por outro lado, nós tínhamos cinco representantes, sendo um da Funai – Tocantins; um da Funai – Brasília, um do MPF, um do Ibama, um do Naturatins, e as ONGs acompanhavam, principalmente o Cimi (SETUBAL. 2019, p. 171-172).

Nestas entrevistas Waikarnase Xerente relata sua experiência como gerente do PROCAMBIX, suas dificuldades para administrar recursos, das burocracias e também fala dos projetos realizados com os recursos destinados pela empresa que construiu a Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães. Quando a pesquisadora pergunta ao indígena sobre quais resultados o programa trouxe para o povo Akwẽ/Xerente, cabe destacar alguns pontos de sua resposta em que ele afirma que:

Na área de cultura, foi um trabalho muito bem feito, junto com a UFT (Universidade Federal do Tocantins) e a Secretaria de Educação em si. Foram muitos resgates, como por exemplo: o aprimoramento de um canto que estava em extinção; um clã, o Krãiprehi que estava assim meio apagado [desaparecendo], e que hoje, graças a Deus, já estão se pintando, se identificando [usando os grafismos deste clã]. Então isso foi um fruto que o Procambix alcançou. A Casa de Cultura Akwen também foi uma conquista, construída com recursos do programa [Procambix], na sede do município em Tocantínia; conta com várias salas e uma biblioteca (SETUBAL, 2019, p. 173-174).

Estes são pontos importantes a serem analisados, já que engloba a visão do próprio Akwẽ/Xerente em relação ao programa que o mesmo participou ativamente. Ao longo da entrevista Waikarnase Xerente aponta tanto aspectos positivos quanto negativos do PROCAMBIX.

Outro trabalho importante sobre os Akwẽ/Xerente é o artigo de Ivo Schroeder (2010) doutor em antropologia Social pela USP, intitulado “Os Xerente: estrutura, história e política” que faz uma análise da estrutura política e histórica do povo Xerente e tem um recorte temporal dos séculos XVIII, XIX e XX onde faz os confrontos das fontes tais como “o trabalho dos freis capuchinhos, a partir de meados do século XIX e as viagens ao Rio de Janeiro e a São Paulo, no final do Império e nos primórdios da República”(SCHROEDER, p. 68). O autor inicia sua tese falando dos Akwẽ/Xerente e os Xavante em Goiás; relata sobre a política dos aldeamentos e do fracasso da mesma em razão da má administração. Sobre os aldeamentos Schroeder expõe da seguinte forma:

A aldeia Graciosa foi estabelecida para os Xerente pelo brigadeiro Raymundo J. da Cunha Mattos em 1824, no rio Taquaruçu, junto à confluência com o Tocantins, no sítio Barreira Vermelha, após a celebração de um pacto que exigia dos Xerente o seguinte: deveriam obedecer ao governo e defendê-lo; não fariam guerra ofensiva; abandonariam o costume de se vender como escravos; receberiam a santa religião, e adotariam os costumes dos civilizados (SCHROEDER, 2010, p. 68).

Schroeder relata também sobre o aldeamento Theresa Christina, evidenciando que “Foi em 1851 que o capuchinho italiano frei Rafael de Taggia fundou Theresa Christina (depois Piabanha, hoje Tocantínia) e ali reuniu 2.139 Xerente e Xavante, conforme o censo que fez” (SCHROEDER, 2010, p. 69). No tocante à memória social e à história Schroeder (2010) argumentou que:

Curt Nimuendaju esteve com os Xerente na década de 1930 e anotou: “de todas as tribos que conheci, os Xerente são os únicos com algum senso de solidariedade racial, transcendendo diferenças linguísticas e guerras tribais. O deus Sol, Waptokwá, é o pai de todos os índios” (1942, p. 9). Ele traduz *Che-rente* por *akwe kutabi* (1929, p. 28), expressão que usam atualmente para enfatizar que alguém é Xerente

puro ou verdadeiro (SCHROEDER. 2010, p. 69).

Isso demonstra uma forma de convivência social dos Akwê/Xerente que irá refletir na sua estrutura política. Já no campo da política Schroeder (2010) afirma que:

Quanto à política, ao contrário dos Jê Setentrionais, ela não estaria confinada aos segmentos residenciais na periferia, mas no centro do sistema, uma vez que as linhagens Xavante e os clãs Xerente constituem o suporte principal para a composição dos grupos políticos. A política assim tende a ocupar o centro do sistema, pois as disputas políticas são aquelas que envolvem os caciques e as turmas, os clãs e seus anciãos, transbordando muitas vezes para as instâncias governamentais e envolvendo funcionários e autoridades (SCHROEDER. 2010, p. 74).

Portanto, de acordo com Schroeder os Akwê/Xerente, no tempo de sua pesquisa, em geral reúnem várias famílias, que afirmam entre si relações de parentesco e alimentam e reforçam uma lealdade política.

Após analisar os principais trabalhos acadêmicos que se referem à história do povo Xerente, sua estrutura político-social e cultural, adiante elencar-se-á a teoria que norteará esta dissertação e dará luz às fontes no sentido do conceito de cultura numa perspectiva da história cultural.

No que se refere à teoria usada para analisar as fontes, investiga-se a cultura do povo Akwê/Xerente a partir da análise do PROCAMBIX à luz dos escritos de Manuela Carneiro da Cunha (2009) com a obra "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais"; Clifford Geertz (2008) com a obra "A interpretação das culturas"; e Roger Chartier (2002) com a obra "História Cultural: entre práticas e representações", que embasam sobre o conceito de cultura.

Para Cunha (2009), há dois tipos de cultura. A "cultura" com aspas e a cultura sem aspas, que ao mesmo tempo significam respectivamente "cultura para si" e "cultura em si". As aspas foram usadas na primeira para diferenciar-se da segunda. Seguindo esse raciocínio percebe-se que Cunha (2009) se refere a uma cultura geral, aquela em que as pessoas vivendo em qualquer lugar do mundo podem possuí-la, mesmo que esta não tenha se originado naquele local, mesmo assim pode ser adquirida. Esta seria a cultura sem aspas, na qual resulta em códigos e significados de uma sociedade. A autora evidencia da seguinte forma a sua origem no seio da antropologia:

Como se sabe, o termo "cultura", em seu uso antropológico, surgiu na Alemanha setecentista e de início estava relacionado à noção de alguma qualidade original, um espírito ou essência que aglutinaria as

peças em nações e separaria as nações umas das outras (CUNHA, 2009, p. 44-45).

Nota-se que a ideia inicial quando o termo cultura no seu sentido antropológico surgiu, remetia-se às qualidades de cada nação. Possivelmente era o que unia as pessoas de determinado país como figurantes de uma mesma cultura, de certo modo isso evidencia algo mais geral e não particular.

Quando se trata de cultura com aspas, a antropóloga a denomina de “cultura para si”, que se refere às narrativas construídas pela própria pessoa ou comunidade para se referir ao seu modo próprio de viver e se reproduzir funcionando como mecanismo identitário. Esta é, em sua teoria, a cultura singular, particular, conscientemente produzida, que está inserida num contexto geral.

Cunha (2009) acredita que cultura e “cultura” se diferem, e suas disparidades são significativas, mas isso não quer dizer que seus conteúdos sejam diferentes, mas sim que não pertencem ao mesmo universo de discurso, o que tem consequências consideráveis, por isso ambas se confundem. Acrescenta ainda que “vários povos estão mais do que nunca celebrando sua “cultura” e utilizando-a com sucesso para obter reparações por danos políticos” (CUNHA, 2009, p. 313).

Ligando essa perspectiva com o objeto desta dissertação, nota-se que através da construção da Casa da Cultura Akwẽ/Xerente em Tocantínia, a comunidade Xerente perpassa por esse conjunto de conceitos de Cunha (2009) na qual os Akwẽ/Xerente percorrem do seu sistema simbólico, a cultura em si, e cria a representação ou narrativa de seu próprio sistema simbólico, a cultura para si, através da casa de cultura que guarda seus acervos, sua história.

Cunha (2009), ao citar Lionel Trilling, em *Sincerity and Authenticity* (*Sinceridade e autenticidade*), definiu a "ideia de cultura" como “um complexo unitário de pressupostos, modos de pensamento, hábitos e estilos que interagem entre si, conectados por caminhos secretos e explícitos com os arranjos práticos de uma sociedade”. E acrescentou ainda, que “por não aflorarem à consciência, não encontram resistência à sua influência sobre as mentes dos homens” (CUNHA, 2009, p. 47).

Os pressupostos da cultura não encontram resistência nas mentes das pessoas porque na vida cotidiana ninguém questiona a cultura que pratica, simplesmente a faz e a vive. Por isso é cultura em si. É o que Cunha (2009) observou e ao mesmo tempo diferenciou, exemplificando que quando consideramos direitos costumeiros estamos nos movendo no campo das culturas (sem aspas), ao passo que quando consideramos as

propostas legais alternativas e bem-intencionadas estamos no campo das “culturas” com aspas. (CUNHA. 2009, p. 47).

Fica claro, a partir destas exposições, o que a antropóloga pensa, num contexto geral, sobre cultura e também a diferenciação que faz dos dois tipos de culturas que coexistem nas sociedades, sejam nas indígenas, sejam nas não indígenas: a cultura em si e a cultura para si. De forma simples se trata de uma cultura vivenciada (em si) e de outra representada ou simbolizada (para si).

Por isso, ao tratar de direitos intelectuais em sociedades tradicionais, Cunha (2009) deixa evidente que existem dois argumentos verdadeiros que podem se relacionar concomitantemente e deixar ainda mais claro o sentido de cultura e “cultura” perante uma sociedade tradicional. Assim afirma:

{...} dois argumentos podem ser simultaneamente verdadeiros:
 i) existem direitos intelectuais em muitas sociedades tradicionais: isso diz respeito a cultura; ii) existe um projeto político que considera a possibilidade de colocar o conhecimento tradicional em domínio público (*payant*): isso diz respeito a "cultura" (CUNHA. 2009, p. 48).

Portanto, fecha aqui a ideia de cultura em si e cultura para si que embasa esta dissertação, principalmente quando abordamos a Casa da Cultura Akwẽ/Xerente, um dos objetivos do PROCAMBIX, que foi construída em Tocantínia-TO, que evidencia o que Cunha (2009) expõe. O que o povo Akwẽ/Xerente vive é a cultura em si e o que colocaram na casa da cultura, a saber, imagens, livros e pinturas, fazem parte de uma representação ou simbologia que eles próprios criaram e interpretam de e sobre si mesmos, da cultura que vivem, a que Cunha (2009) chama de cultura para si.

Já Geertz (2008) defende o conceito de cultura baseado na semiótica, em que as pessoas é que dão significados às coisas ou ações que as envolve diariamente. Assim ele definiu o conceito de cultura:

O conceito de cultura que defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ. 2008, p.4).

Sendo assim, o que para alguns tem determinado significado, para outros pode não haver o mesmo sentido, por isso Geertz (2008) enfatiza que “o ponto global da abordagem semiótica da cultura é (...) auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido mais amplo, conversar com eles” (GEERTZ, 2008. p. 4).

Roger Chartier (2002), ao falar de história cultural, deixou evidente que:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Dai, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER. 2002, p. 16-17).

Ao abordar sua perspectiva no que diz respeito a história cultural, Chartier (2002) coloca que é preciso conhecer a realidade daquilo que se quer estudar, pois é necessário identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída. Isso pressupõe que as realidades sociais são diferentes, e por isso devem ser analisadas com cuidado. O modo como a realidade social Akwẽ/Xerente é construída é algo que foi estudado a partir do subprojeto da cultura no PROCAMBIX, que perpassa por questões culturais dos Akwẽ, onde são expostos aspectos desta particular realidade social.

Ainda segundo Chartier (2002), são os grupos que forjam a realidade social, ou seja, pessoas interligadas entre si que pensam coletivamente. E é a ação coletiva que forma a realidade social, a cultura. Por isso é necessário haver o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Neste caso utilizando a fonte oral, seguindo a proposta cultural, este estudo se dá na interface da Antropologia com a História. Para realizar a análise das entrevistas de forma mais coerente foi necessário entender de qual posição e para quem o entrevistado fala.

No que se refere ao método da história oral, a autora que dá luz aos relatos orais é Verena Alberti (2005) com a obra “Manual de História Oral” e Paul Thompson (2002) com a obra “História Oral e Contemporaneidade”.

A metodologia desta dissertação privilegia o cunho qualitativo⁶, de natureza explicativa, voltado para a história cultural. Portanto, é desenvolvida num contexto sócio

⁶ Qualitativo: a pesquisa qualitativa é uma metodologia voltada para a análise de dados e reflexões sobre esses dados que podem ser colhidos inclusive pelas entrevistas orais como é o caso desta pesquisa. O motivo desta dissertação ser de cunho qualitativo é o fato de investigar o povo indígena Akwẽ/Xerente e, portanto,

cultural amplo, englobando o histórico das cidades atingidas pela Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, especialmente a cidade de Tocantínia - TO, onde se localiza o povo indígena, conseqüentemente, atingido pela UHE, o povo indígena Akwẽ/Xerente.

Foram analisados documentos tais como o Projeto do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente e os relatórios semestrais relacionados ao cumprimento de metas do projeto e o relatório final. O projeto do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente, bem como os relatórios de cumprimento de metas, estão guardados na Casa da Cultura Akwẽ/Xerente na cidade de Tocantínia, tanto em material impresso, quanto em PDF. A coleta dos dados foi realizada *in loco* na Casa da Cultura Xerente.

A coleta de dados foi realizada em parte, a partir de análises de documentos constantes na Casa da Cultura Akwẽ/Xerente da cidade de Tocantínia, em janeiro de 2020, além de artigos relacionados ao povo indígena Akwẽ/Xerente disponíveis na internet no site do Instituto Socioambiental – ISA (<https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa>) e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (www.teses.usp.br). Posteriormente, foram realizadas entrevistas orais por meios digitais como *Google Meet* e *Whatsapp* com líderes que participaram do programa, alguns indígenas e não indígenas, para então realizar o cruzamento de dados.

Na expectativa de responder as perguntas feitas inicialmente, adotou-se como método a história oral através dos procedimentos de entrevistas individuais e/ou coletivas com pessoas que conviveram ao mesmo tempo da execução do PROCAMBIX, gerentes do programa e outros envolvidos, dialogando com autores que embasam as narrativas, tais como apontados anteriormente, que tratam sobre cultura.

O produto final será um álbum de fotos digital personalizado com breve histórico contextualizado sobre cada imagem, dos bens culturais (materiais) dos Akwẽ/Xerente presentes na Casa da Cultura Akwẽ de Tocantínia. O objetivo deste produto final é deixar pública a cultura Akwẽ/Xerente através de ferramentas digitais, tais como Google entre outras e disponibilizar para futuros pesquisadores e os próprios Akwẽ/Xerente como acervo histórico.

O formato do produto final que é um requisito do Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas será uma página de fotos (Álbum de fotografia digital) no *Blogspot* do *Google*, uma página com imagens e textos explicativos em

buscou-se entender suas experiências, suas individualidades, suas subjetividades e características culturais, o que está no campo da pesquisa qualitativa e não quantitativa.

formato de blog hospedado no *Google*. O acesso ficará público, porém somente o autor do blog poderá atualizar a página. Esta página apresentará somente o resultado final da pesquisa e terá como único objetivo o de apresentar o produto final desta dissertação exposto em imagens que foram colhidas durante a pesquisa, que se apresentará de forma contextualizada. O produto final será feito após a entrega da dissertação final, no primeiro semestre de 2022.

1.1 A história do povo Xerente

Os Xerente, autodenominados *Akwẽ*, formam com os Xavante (autodenominados *A'we*), de Mato Grosso, o ramo central das sociedades de língua Jê. Os Xacriabá, atualmente localizados em Minas Gerais, e Acroás (extintos), também são considerados grupos a eles aparentados linguística e culturalmente. Segundo a versão mais aceita, o nome Xerente lhes foi atribuído por não-índios, visando sua diferenciação dos demais *Akwẽ*, particularmente, em relação aos Xavante (DE PAULA. 1999, p. 1).

O povo Xerente está localizado no município de Tocantínia em duas terras indígenas demarcadas, denominadas Xerente e Funil, a 70 km de distância da capital do Tocantins, Palmas - TO. Segundo De Paula (1999, p.1), a cidade de Tocantínia, localizada entre as duas terras, tem sido, ao longo desse século, palco de tensões entre a população local não-índia e os Xerente. A língua falada pela comunidade Xerente é o *Akwẽ*. “As crianças até cinco anos só falam a língua indígena. Os adultos a utilizam em todos os contextos da vida cotidiana nas aldeias. Quando conversam com não-índios, falam fluentemente o português” (DEPAULA, 1999, p. 2).

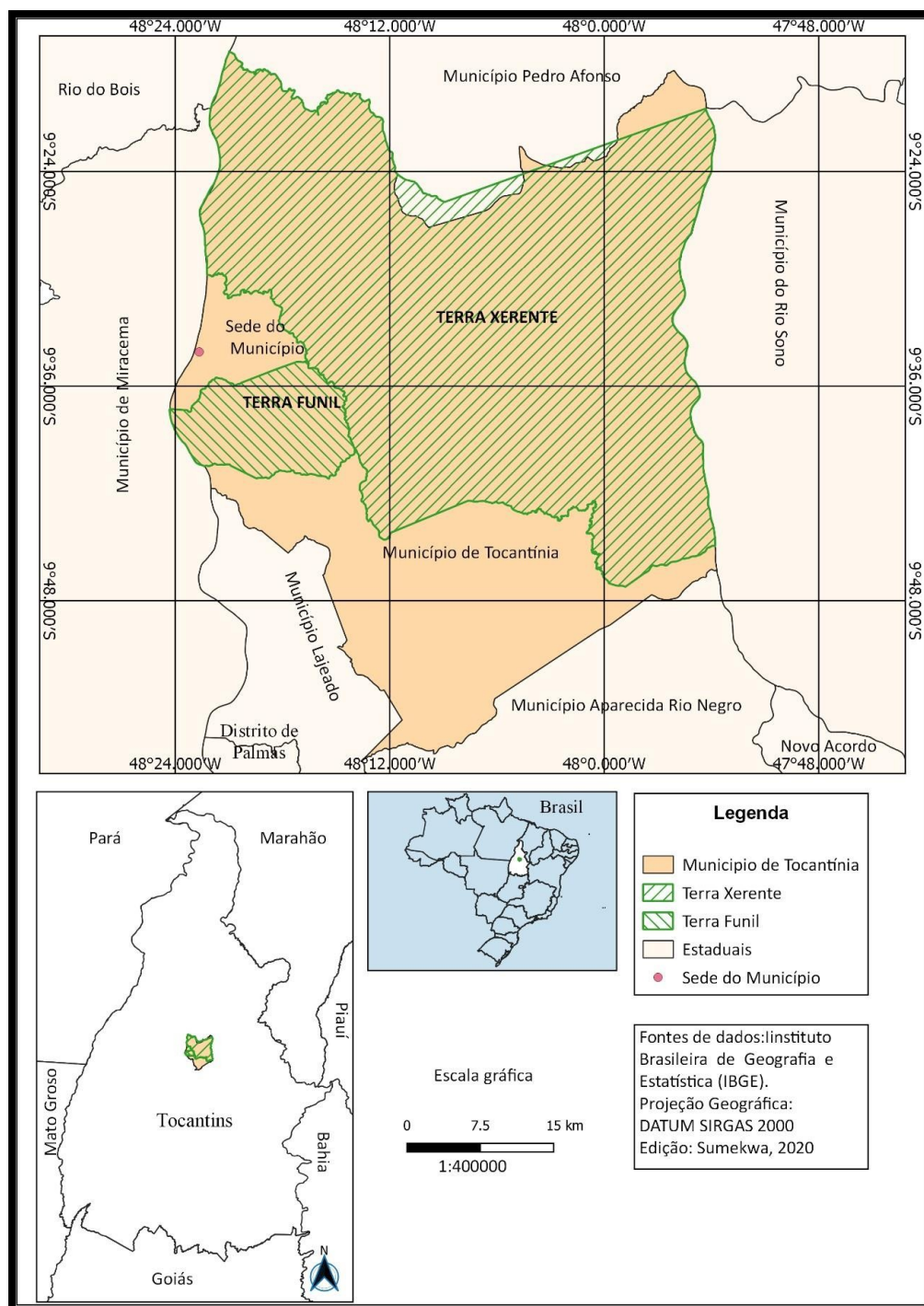
Uma característica marcante dos *Akwẽ/Xerente* é o fato de eles serem bilíngues, fato que impressiona culturalmente muitas pessoas não indígenas. Isso se dá em razão da convivência deste povo com a sociedade não indígena e também por necessitarem da língua portuguesa para se comunicarem fora da aldeia.

No censo realizado em 1999, a população Xerente era de 1.850 indivíduos, distribuídos em 34 aldeias nas cidades de Tocantínia e Miracema do Tocantins. As maiores eram então Porteira (167), Salto (158), Funil (186), Rio do Sono (104) e Brejo Comprido (80), mas a maioria contava com contingentes de 30 a 40 pessoas (SCHROEDER, 2010, p. 67).

De acordo com o Censo do IBGE de 2010 a população Xerente era de 3.152 pessoas. Percebe-se, pelos números, que a população *Akwẽ/Xerente* dobrou seu quantitativo entre os anos de 2000 a 2010.

O mapa abaixo, foi extraído do trabalho de Valcir Sumekwa (2020), no qual o pesquisador apontou a localização das terras indígenas Xerente:

Mapa 1 - Terra indígena Akwẽ/Xerente



(Fonte: XERENTE, Valcir Sumekwa. 2020, p. 52)

Segundo Sumekwa Xerente (2020) no ano de 2020 a população Akwẽ/Xerente foi estimada em 3.953 pessoas, havendo assim um maior percentual de crescimento

populacional comparando-se com os períodos anteriores; “finalmente, entre 2010 a 2020, houve crescimento de 25% sendo que “atualmente os *Akwẽ* estão distribuídos em sessenta e oito aldeias” (SUMEKWA XERENTE, p. 53-54).

Na historiografia, os Xerente são reconhecidos no século XVIII localizados na região entre os rios Araguaia e Tocantins e também a leste deste último, até além do rio Sono. Aquele foi o período em que as Bandeiras (expedições particulares em busca de ouro) adentram a região centro-oeste do Brasil. “Os Xerente habitavam o cerrado do médio Tocantins, entre os rios Manuel Alves Grande e Manuel Alves Pequeno e nos sertões do Duro, quando foram submetidos, em 1810, por Fernando Delgado Freire de Castilho, que governou Goiás de 1809 a 1820” (SCHROEDER, 2010, p. 68).

Seguindo essa mesma lógica, Schroeder (2010) afirma que para o ano de 1812, o padre Luiz Antônio da Silva e Souza anotou que os Xerente eram uma “nação que existe acima da cachoeira de Lajeado, no Tocantins e se estende até os sertões do Duro, entre o Rio Preto e Maranhão, aonde têm sete aldeias: são valentes e trabalhadores” (SCHROEDER, 2010, p. 68).

Observando a localização citada pelo padre Luiz Antônio, nota-se que os *Akwẽ/Xerente* já estavam próximos ou até mesmo na área na qual se encontram atualmente (2022), já que Lajeado é bem próximo das terras indígenas em que estão hoje, no município de Tocantínia e Miracema do Tocantins.

Em 1755 o Marquês de Pombal impusera uma política de integração dos índios, através dos aldeamentos, sob a direção de diretores leigos, em lugar dos jesuítas. De acordo com Schroeder (2010) essa “política de aldeamentos, no entanto, fracassou em consequência da má administração, dos maus tratos infligidos aos índios, da falta de clérigos e de seu desentendimento com as administrações militares” (SCHROEDER, 2010, p. 68).

Ao citar Karasch (1992, p.405), Schroeder (2006) afirma que “o Decreto de 25 de abril de 1857 passou efetivamente a Administração das aldeias aos missionários para sedentarizá-los, ensinar a religião e educá-los. A vinda dos Capuchinhos italianos levou à fundação, entre 1841-72, de S. Vicente da Boa Vista (1841), S. Joaquim do Jamimbu (1845), Santa Maria do Araguaia (1845), S. Pedro Afonso (1849), Teresa Cristina (1851) e a Missão de Xambioá (1872)” (SCHROEDER, 2006, p. 21).

Sobre os aldeamentos para os *Akwẽ/Xerente*, Schroeder (2010) afirma:

A aldeia Graciosa foi estabelecida para os Xerente pelo brigadeiro Raymundo J. da Cunha Mattos em 1824, no rio Taquaruçu, junto à confluência com o Tocantins, no sítio Barreira Vermelha, após a

celebração de um pacto que exigia dos Xerente o seguinte: deveriam obedecer ao governo e defendê-lo; não fariam guerra ofensiva; abandonariam o costume de se vender como escravos; receberiam a santa religião, e adotariam os costumes dos civilizados (Brasil, 1924, p. 202) (SCHROEDER, 2010, p. 68).

Silva (2011) afirma que esse aldeamento foi “nomeado de Graciosa, por Cunha Matos, em homenagem a filha. Esse foi o primeiro aldeamento Xerente no século XIX que se instalava em um terreno definido. Cunha Matos presenteou os Xerente com algumas ferramentas e mantimentos adquiridos com o dinheiro arrecadado entre os moradores dos arraiais de Monte do Carmo, Pontal, Porto Imperial e Natividade” (SILVA, 2011, p. 5).

No século XIX os Akwẽ/Xerentes sofreram algumas pressões estatais do governo de Goiás para que seguissem as normas do estado. Foi feito para eles um aldeamento no rio Taquaruçu, mas em contrapartida eles tinham que firmar um acordo de não atacar os não índios, obedecer ao governo e defendê-lo, não se venderem como escravos e adotar a religião católica, na expectativa de que, deste modo, tornar-se-iam civilizados. O fato é que todos esses novos costumes eram diferentes dos costumes indígenas Xerente, talvez por isso a política dos aldeamentos fracassou.

De acordo com Schroeder (2006) na sua obra “Política e Parentesco nos Xerente”, foi em 1851 que o capuchinho italiano frei Rafael de Taggia fundou, na margem direita do rio Tocantins, a povoação Theresa Christina (depois Piabanha, hoje Tocantínia) e ali reuniu 2.139 Xerente e Xavante, conforme o censo parcial a que procedeu. Segue abaixo o censo da população Xerente junto aos Xavantes feito pelo missionário Frei Rafael de Taggia.

Tabela 1 - Censo dos Xerente e Xavante

Anos	Homens	Mulheres	Total
Abaixo de 4 anos	157	222	379
De 4 a 8 anos	122	204	326
De 8 a 16 anos	180	219	399
De 16 a 24 anos	172	198	370
De 24 a 40 anos	104	153	257
Acima de 40 anos	209	199	408
<i>Soma</i>	<i>944</i>	<i>1195</i>	2139

Fonte: SCHROEDER, 2006, p. 21 in Taggia, 1856.

Tal número, diz o missionário, é “*aproximativo, sendo quase impossível oferecer*”

uma relação exacta, pois em nenhum tempo acham-se juntos” (SCHROEDER, 2006, p. 21 in Taggia, 1856, p. 119-120).

Sobre a união e separação dos Xavantes e Xerente no século XVIII, Schroeder (2010) aponta algumas interpretações, como a de Urbino Vianna o qual afirma que “o Akuen ou Xerente pertence à mesma e grande divisão tribal dos Xavante, sem, com tudo, com ele confundir-se” e a de Oswaldo M. Ravagnani que, por sua vez, propõe que “Xerente e Xavante são subdivisões de um único grupo que no início do século XIX formavam dois grupos distintos, mas culturalmente muito próximos” (SCHROEDER, 2010, p. 69).

Neste sentido Schroeder (2010), ao citar Ravagnani, acredita que houve uma disputa ou cisma entre Xerente e Xavante e que isso foi anterior à separação dos dois povos. Então ocorreu um evento da seguinte maneira:

Enquanto uma facção procurou o governador para ser aldeada, em 1810, outra atacou o presídio de Santa Maria. Assim, aqueles que se recusavam ao contato se refugiaram ao norte da província e em direção ao rio Araguaia, até transpô-lo. Estes foram chamados de Xavante, descritos como ferozes e bárbaros. Os outros que se mantiveram em seu território, favoráveis ao convívio e desejosos do contato com os civilizados, foram chamados de Xerente (SCHROEDER, 2010, p. 69).

Cabe uma análise diante dos fatos, que é a de que os Xerente e Xavante estiveram juntos por um tempo e por algum motivo se separaram. Os Xerente permaneceram na mesma região à margem do rio Tocantins próximo à Tocantínia e Miracema, já os Xavante migraram e se fixaram no Estado do Mato Grosso.

Já no século XX os Xerente tiveram problemas quanto a demarcação de terras indígenas. Segundo Schroeder (2010), “entre as décadas de 1930 e 60, o povo Xerente viveu talvez sua pior crise. Toda a população foi concentrada no território entre os rios Tocantins e do Sono e não passavam de 400 pessoas. Grande parte da área estava então tomada por dezenas de criadores de gado, a tal ponto que o SPI⁷, em 1953, chegou a propor a demarcação de três áreas descontínuas, uma maior no rio do Sono, onde havia um posto do órgão, outra em torno do posto Tocantínia, que incluía as aldeias Gorgulho, Porteira e Baixão, e uma última para a aldeia Boqueirão” (SCHROEDER, 2010, p. 73).

Houve conflitos entre os Xerente e não índios por causa das terras, uma vez que

⁷ SPI - Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN, a partir de 1918 apenas SPI) foi criado, a 20 de junho de 1910, pelo Decreto nº 8.072, tendo por objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional (Oliveira, 1947).

Fonte: <http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protecao-aos-indios-spi>

as terras indígenas ainda estavam em processo de demarcação. Criadores de gado invadiam as áreas em que os Akwẽ/Xerente viviam, por isso eles se sentiam espremidos entre o rio Tocantins e o rio Sono. Somente após entrarem com processo na justiça através da FUNAI é que conseguiram demarcar legalmente suas terras por direito de posse.

De acordo com Schroeder (2006, p. 39) após a demarcação da T.I. Xerente (chamada também área grande) em 1972, e sua desocupação definitiva em 1983, se observou o fenômeno caracterizado como multiplicação de aldeias - um movimento intenso de fundação, nas áreas agora desocupadas, de novos assentamentos. As aldeias Xerente constituem grupos sociais politicamente autônomos, com chefia própria, que são reconhecidas como tais pelos próprios Xerente e por autoridades, como a Funai.

Nota-se que após a demarcação das terras indígenas dos Akwẽ/Xerente, houve um crescimento no número de aldeias, uma vez que as rivalidades entre indígenas e não-indígenas pela terra desapareceram. Segundo pesquisas de campo de Schroeder (2006), os assentamentos são formados por grupos autônomos, mas com unidade política respeitando-se mutuamente. No que se refere às aldeias Schroeder (2006) explica da seguinte forma:

Quanto aos assentamentos, atualmente é possível distinguir algumas aldeias grandes e algumas dezenas de pequenas aldeias. Proponho chamar de grandes aquelas aldeias que, mais do que contarem com uma população numerosa – as atuais chegam próximo a 200 pessoas - são aquelas que contam com duas ou mais linhas de determinados clãs, que se tratam por “turmas” ou “lados” que em geral tomam a designação do clã do seu líder. Por contraste, as pequenas não apresentam turmas em oposição, embora no seu processo de crescimento possam apresentar uma turma de oposição interna que venha a disputar a liderança ou fundar nova aldeia. Da mesma forma, aldeias que em certa fase de sua evolução contavam com várias turmas podem, num momento seguinte, se ver reduzidas a uma única turma (SCHROEDER. 2006, p. 41).

No que se refere ao modo como os Xerente se organizam nas aldeias, Schroeder (2006) aponta que estes grupos apresentam algumas características dos segmentos residenciais descritos nos Jê Setentrionais⁸, na medida em que cada grupo reúne várias unidades domésticas que afirmam entre si relações de parentesco e alimentam e reforçam uma lealdade política. (Idem).

Percebemos que mesmo tendo autonomia de governo dentro de cada aldeia, os

8 Jê Setentrionais – São povos indígenas da família linguística Jê pertencente ao tronco Macro-Jê e a referência setentrionais indica a sua localização que é ao norte. Na época da chegada dos europeus na América do Sul, os povos ameríndios de língua jê encontravam-se sobretudo no interior do Brasil, uma vez que os tupis ocupavam praticamente todo o litoral do Brasil.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_j%C3%AAs

Akwẽ/Xerente se respeitam por meio de um laço que os une de forma ampla, que é a relação política e social que firmam entre si. Isso pressupõe que mesmo que tenham desavenças pessoais de aldeia para aldeia, ainda assim não perdem a relação de parentesco, de união como povo de uma mesma identidade.

1.2 A tradição oral dos Akwẽ/Xerente

Recorrer a relatos orais é um expediente antigo na história da humanidade. Desde os primórdios o homem se utiliza de relatos orais para "expressar o legado de seus antepassados ou simplesmente proteger do esquecimento os eventos mais recentes", tendo o relato oral "raízes na própria natureza do homem" (IGLESIAS, 1984:59).

Os Akwẽ/Xerente se utilizam dos relatos orais em sua convivência diária, pois a oralidade é própria da sua cultura. Os conhecimentos tradicionais deste povo são passados de geração em geração através dos relatos ou narrativas feitas no dia-a-dia e em eventos festivos tradicionais mais importantes. Acredita-se que em qualquer meio social, quando são repassados conhecimentos dos mais velhos aos mais jovens, o desejo de quem repassa é a preservação do saber; do conhecimento; no sentido de não perder a tradição e os valores que estão naqueles conhecimentos.

Portanto, neste trabalho utiliza-se o método da história oral aplicando as técnicas de entrevistas pelas plataformas virtuais (*Google Meet* e *WhatsApp*) no sentido de colher informações do povo Xerente a partir de pessoas que apresentam relação com o objeto da pesquisa. As entrevistas por plataformas digitais foram feitas por ocasião da pandemia do SARSCOV 2 (Coronavírus), o que ocasionou o distanciamento social entre as pessoas impedindo fazê-las presencialmente. As entrevistas foram feitas com 5 pessoas, na faixa etária de 33 a 60 anos de idade.

Segundo Verena Alberti (2004) em sua obra “Manual de História Oral”, a escolha dos entrevistados é, em primeiro lugar, guiada pelos objetivos da pesquisa.

O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de “informantes” em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas em função de sua relação com o tema estudado -, seu papel estratégico, sua posição no grupo etc.(ALBERTI, 2004, p. 32).

Nesse sentido, os entrevistados têm que contribuir com a pesquisa num sentido integral. No caso desta pesquisa, aqueles que foram selecionados para falar, participaram do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente, ao mesmo tempo em que são

conhecedores da cultura do povo Xerente, e essa relação dá sentido e legitima a escolha dos mesmos.

Alberti (2004) enfatiza ainda que

Quanto a escolha do método, então, é preciso compreender que a opção pela história oral depende intrinsecamente do tipo de questão colocada ao objeto de estudo. Por outro lado, ela também depende de haver condições de se desenvolver a pesquisa: não é apenas necessário que estejam vivos aqueles que podem falar sobre o tema, mas que estejam disponíveis e em condições {físicas e mentais} de empreender a tarefa que lhes será solicitada (ALBERTI, 2004, p. 30 – 31).

Algumas características do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente só são percebidas através da rememoração do passado nos relatos orais dos entrevistados, uma vez que nos textos oficiais e relatórios não aparecem nuances importantes, que estão presentes na oralidade. Por exemplo, os desabafos, as frustrações pelas metas não alcançadas ou pela burocracia enfrentada no decorrer do programa.

Os entrevistados, nesta dissertação, de forma direta ou indiretamente participaram do PROCAMBIX na época de sua execução e puderam contribuir com sua memória e seu relato oral para esta dissertação.

Nesta dissertação seguimos o modelo de entrevista temática proposta por Verena Alberti (2004) em que a mesma afirma que

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou (ALBERTI, 2004, p. 37-38).

Por isso se trata de entrevistas temáticas e não de histórias de vida, onde os temas principais são o Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente e a cultura indígena envolvidos nos impactos que a Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães causou ao povo Akwê/Xerente e o que poderia ser feito para diminuir os impactos culturais ao povo firmado através do PROCAMBIX.

A elaboração do roteiro para as entrevistas dos 5 participantes da pesquisa foi desenvolvida pelo pesquisador deste trabalho. Também desenvolveu o processamento das entrevistas tais como a audição da gravação e a passagem do depoimento na forma oral para a forma escrita. As falas dos entrevistados não foram corrigidas para o português da norma culta, portanto ficaram da forma como foi falado por eles, com inadequações da

norma padrão da Língua Portuguesa e com as conotações e pausas típicas da linguagem informal.

As tecnologias⁹ utilizadas para realizar as entrevistas foram o *Google Meet* um aplicativo do *Google* que permite reuniões em tempo real de pelo menos 1h ininterrupta para contas de pessoas físicas na versão gratuita, depois de uma hora a reunião cai automaticamente. Já para contas empresariais pagas, o tempo é ilimitado. O fator que dificultou nossas entrevistas foi o fato de que para usuários gratuitos, que foi nosso caso, não é permitido gravar a reunião no próprio app do google meet, por isso foi utilizado o aplicativo de gravação de tela (*Quick Time Player*) do Apple macbook-pró para realizar as entrevistas de Silvino Sirinawe Xerente, Vanda Sibakadi e Edivaldo Xerente.

Já as entrevistas de Paulo Waikarñase e Darlucio Veras foram realizadas pelo aplicativo Whatsapp áudio. Foi enviado o áudio de uma pergunta logo após o entrevistado a ouvia e respondia em áudio de volta, e era enviada uma nova pergunta até concluir a entrevista que tinha entre 05 e 17 questões. A entrevista de Paulo Xerente foi realizada em duas datas diferentes devido à falta de disponibilidade do entrevistado.

Após as entrevistas fizemos contato com cada um dos entrevistados para tirar dúvidas relacionadas a nomes citados nos áudios que ficaram de forma inaudita ou confusa, ou mesmo para tirar dúvidas sobre nomes ou significados na língua Akwê entre outras questões de interesse desta pesquisa. As entrevistas feitas pelo aplicativo *WhatsApp* supriram a indisponibilidade de parte dos entrevistados de usarem outros softwares de conversas virtuais em tempo real. Neste sentido, as tecnologias atuais utilizadas nesta pesquisa forneceram possibilidades de se concretizar as entrevistas e concluir esta dissertação, além de inaugurar uma nova forma de se fazer pesquisa com fontes orais.

Segue abaixo o perfil dos entrevistados:

Darlucio Veras Parrião (não indígena) é Engenheiro Agrônomo. Foi contratado pela INVESTCO S.A para o cargo de coordenador de comercialização e produção entre

⁹ Tecnologia e/ou ferramentas utilizadas nas entrevistas: O aplicativo *Google Meet* – este *app* que pode ser utilizado de forma gratuita com tempo determinado de 1h de duração na sala virtual em tempo real ou na forma paga com maior tempo de duração. Nesta dissertação usamos a versão gratuita então nossas entrevistas só podiam durar 1h. Não necessitamos de mais tempo pois as entrevistas duraram entre 50 minutos e 1 hora. O aplicativo de reunião online (*Google Meet*) não permitia gravação da reunião, por isso foi utilizado um app de gravação de tela do *Macbook Pro* da *Apple* deste autor, que depois pôde transcrever o áudio da entrevista.

Já o whatsapp é outro aplicativo que aqui foi utilizado no formato de áudio gravado. O entrevistador enviou as perguntas e em seguida o entrevistado respondeu em áudio e retornava a mensagem, posteriormente foi feita a transcrição do áudio.

os anos de 2002 a 2008. Trabalhou com o projeto de roça mecanizada diversificadas plantando as culturas do arroz, feijão, mandioca entre outras de interesse dos indígenas. Trabalhou também com o projeto de criação de galinha caipira para fornecer um banco de proteína para a comunidade indígena. No decorrer do programa também trabalhou com projetos de piscicultura, casas de farinha e bovinocultura que foram necessidades levantadas pelos Akwẽ/Xerente.

Edivaldo Xerente é do povo Akwẽ/Xerente e formado em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. Trabalhou na coordenação de cultura de 2003 a 2004. Na época foi indicado pelos caciques para ocupar o cargo. Edivaldo trabalhava com resgate cultural, fortalecimento e buscava elementos perdidos para mostrar para juventude. Segundo ele, na época tinham muitos anciãos e tinham muitos elementos culturais que não se praticavam mais. Então se buscava o resgate, para retomar, no momento atual. Neste sentido os recursos destinados à educação e cultura eram aplicados nesse resgate.

Paulo Waikarnãse Xerente é do povo Akwẽ/Xerente, formado em administração, pela UNITINS, e mestrando em ciências do ambiente pela Universidade Federal do Tocantins. Recém-formado em administração, ocupou o cargo de coordenador geral do PROCAMBIX pela maior parte do programa. Segundo ele, esse foi seu primeiro emprego e por isso teve dificuldades para gerenciar o cargo. Participou de capacitações e fez intercâmbios com outras etnias indígenas além de fazer cotações de preços para as licitações na parte administrativa.

Silvino Sirnãwe Xerente é professor, formado em licenciatura intercultural na ciência da cultura pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrando no PPGHISPAM. Sirnãwe não ocupou cargo de chefia no PROCAMBIX, mas contribuiu de outras formas, pois trabalhou na roça do projeto que foi executado na área Xerente, como a de plantação de arroz.

Vanda Sibakadi Gomes da Silva Xerente. É técnica em enfermagem, além de fazer atualmente o curso de Serviço Social. Também foi coordenadora de cultura e durante sua gestão trabalhou no sentido de gravar CDs dos cantos tradicionais dos Akwẽ/Xerente além de registrar seus momentos festivos em fotografias áudios e vídeos.

Segundo Xerente (2016) no que se refere a conhecimentos tradicionais, afirma que “entre os Akwẽ/Xerente, como em outras sociedades indígenas, os velhos são detentores, por excelência, dos saberes tradicionais. Se, no passado, a socialização desses saberes e educação das novas gerações era feita através da oralidade, atualmente essa

formação divide o espaço e, às vezes, compete com outros mecanismos de educação, principalmente com a escola” (XERENTE, 2016, p. 53).

Fato importante de se mencionar na comunidade indígena Xerente é o valor atribuído aos mais velhos por toda comunidade, no que se refere aos conhecimentos, à educação e aos princípios da convivência no respeito e da credibilidade dada ao relato oral. Fato que Xerente (2016) aborda em sua dissertação, demonstrando que os mais velhos são os detentores do conhecimento, por isso têm grande importância.

Segundo Xerente (2016) “nos moldes tradicionais Akwẽ a educação ocorre quando os pais corrigem seus filhos, quando ensinam a falar de forma correta, quando explicam sobre a organização social Akwẽ e suas regras. Os jovens aprendem, com os mais velhos, como segurar um arco e uma flecha, como proceder para ter êxito em uma caçada, como andar na mata caçando animais selvagens e evitando os perigos. Normalmente, se aprende com os mais velhos ouvindo, observando e praticando” (XERENTE, 2016, p. 53-54). Todas estas ações têm como base a oralidade e depois a prática das atividades relacionadas aos ensinamentos.

Ao comparar esses argumentos com os da sociedade não indígena percebe-se que os mais velhos na sociedade não indígena, principalmente aqueles que trabalham de carteira assinada, estão perdendo seu valor ao passar da idade útil ao trabalho, dado o contexto capitalista da nossa sociedade. Outro fator que diferencia os mais velhos na nossa sociedade não indígena, com os Xerente mais velhos, é a perda de credibilidade dos mais velhos em relação a autoridade de educar, de dar conselhos. Nossa sociedade não indígena descredibiliza os mais velhos neste sentido, imaginando que já não podem mais falar sobre determinados assuntos, ainda mais com o advento da internet e com os gravadores de vídeos, os chamados youtubers ou influencers que são em maioria jovens, e são comparados aos mais velhos. Isso significa que a sociedade não indígena valoriza mais os jovens, em oposição aos mais velhos, diferentemente do povo Xerente.

A sociedade não indígena confia bem mais em documentos, em fotos, áudios e vídeos do que em relatos orais. Isso se distancia ainda mais da tradição oral dos Akwẽ/Xerente. As histórias contadas pelos mais velhos são importantes para a sua cultura, no sentido de preservá-las na memória social, a partir das narrativas realizadas por eles. Sobre a forma como os Xerente mais jovens se comportam, algumas críticas são feitas. Nas palavras de Xerente (2016), alguns indígenas mais velhos se declaram decepcionados com a forma dos mais jovens “wapte” se comportarem atualmente e

atribuem os comportamentos inadequados à falta de ensinamentos, pelos próprios pais de hoje (XERENTE, 2016, p. 54).

Xerente (2016) relatou em seu trabalho sobre um “costume ancestral” que existe entre o povo Akwê/Xerente de presentear os mais velhos depois de contarem uma história ou finalizarem uma cerimônia. É uma forma de reconhecer os mais velhos, os seus conhecimentos e a sua importância na comunidade. Esse costume, segundo Xerente (2016), está sendo deixado pelos mais jovens do seu povo. Sobre esse assunto, assim Xerente (2016) expõe os depoimentos dos entrevistados na comunidade Akwê-Xerente:

O desrespeito contra os mais velhos, cresce. Os ensinamentos do passado pelos nossos ancestrais estão perdendo espaços. Os anciãos antes eram estritamente respeitados pelos mais jovens, principalmente ao se tratar de Sisdanãrkwa. O respeito era visível e respectivamente percebido, pelos clãs parceiros (Valmir Hkâwê, Aldeia Brejo Comprido).

Os momentos sagrados não são compreendidos atualmente pela nova geração. Na tradição Akwê temos o Dapradâ, que quase está indo a extinção. É uma obrigação, ato simbólico em sinal de respeito. Por exemplo, levar uma carne moqueada, acompanhada de beiju ou farinha; batata doce assada ou peixe assado. Os Akwê têm uma tradição bastante rica e nós, os mais velhos, temos que resgatar tais cerimônias com a participação dos jovens para não deixar simplesmente acabar tudo que é nosso (Isaias Sizapi, Aldeia Brejo Comprido) (XERENTE, 2016, p. 54).

Valmir, morador da Aldeia Brejo Comprido a tempo da entrevista, cita o “Sisdanãrkwa”, que é o respeito mútuo àqueles parceiros de clã. Já o “Dapradâ” citado por Isaias Sizapi, que quase está sendo extinto segundo ele, é o costume de presentear os mais velhos após uma cerimônia, com uma carne moqueada (carne embrulhada em folhas de bananeira e assada sobre brasas e coberto com areia, ou então carne assada lentamente em jirau sobre brasas) juntamente com farinha branca ou de puba ou, no lugar da farinha, o beiju (também conhecido como tapioca pelos não indígenas).

Aqui fica visível que alguns costumes tradicionais na comunidade Xerente, também estão sofrendo impactos com as novas gerações do seu próprio povo no século XXI. Possivelmente, a sociedade não indígena está corroborando com esses impactos, principalmente com a entrada das tecnologias, da educação institucionalizada nas aldeias e dos impactos dos grandes empreendimentos, como é o caso da usina hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães.

Mesmo que os Akwê/Xerente tenham seus problemas internos, ainda assim não fragiliza a tradição oral. Os problemas são pontuais. O grande fato é que o mundo mudou rápido e também não seria diferente com os indígenas. Mesmo porque, o povo

Akwẽ/Xerente vem ocupando seu espaço na sociedade em geral. Seja ingressando nas universidades, elegendo representantes políticos, aderindo aos meios tecnológicos para aumentar a performance na agricultura, seja também usando os meios digitais atuais para registrar e preservar sua cultura. Este é um outro ponto que não cabe discutir neste momento, mas é importante mencionar que a tradição oral continua, todavia, agora acompanhada de outros meios para corroborar sua importância. Por exemplo, usa-se a rede social *WhatsApp*, mas mandando mensagem de áudio na língua Akwẽ/Xerente.

1.3 A história cultural para e através dos Akwẽ/Xerente

A cultura são os costumes presentes na vida dos povos, mas não somente isso, segundo Geertz (2008) ao buscar uma imagem mais exata do homem apontou duas ideias sobre cultura

A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos ou padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções (que os engenheiros de computação chamam "programas") — para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento (GEERTZ, 2008, p. 32-33).

Os Akwẽ/Xerente têm sua própria cultura, seu modo de viver, que a partir de agora exponho sob a ótica da história. A história da cultura Akwẽ/Xerente, segundo investigações em documentos, é contada desde o século XVIII quando Xavante e Xerente ainda viviam juntos no Estado de Goiás. Já a história da cultura Akwẽ/Xerente, para os próprios Akwẽ é contada desde o nascimento, pelos mais velhos, que a partir da tradição oral recontam para as novas gerações. E assim se perpetua a história e costumes do povo.

A história cultural enquanto teoria em parceria com a Antropologia, pode chegar a um resultado. Barros (2011) coloca que há entre as inspirações oriundas do diálogo com a Antropologia, a possibilidade de definir a História Cultural como busca de apreensão da “alteridade” (BARROS, 2011, p. 39).

Nesta dissertação há uma relação mútua entre a história e a antropologia, na qual os teóricos são das duas áreas de conhecimento. E isso enriquece o diálogo com a

descrição densa da Antropologia junto aos detalhes históricos apontados pela História. No que se refere à alteridade, sabe-se que é a definição do eu diante das diferenças. Neste sentido, todo indivíduo social que convive com outras pessoas é interdependente do outro, pois só nos percebemos em oposição ao outro.

No que se refere à alteridade defendida por Barros (2011), ao falar da história cultural, o mesmo afirma que a

definição de História Cultural como a modalidade historiográfica que se ocupa da “alteridade” estará também na base dos trabalhos de inúmeros historiadores culturais, para os quais certas situações oferecem-se como oportunidades ímpares para os estudos de História Cultural. Entre estas, o confronto entre duas sociedades, relacionadas a duas culturas distintas pode oferecer uma possibilidade exemplar de iluminar uma cultura através da outra (BARROS, 2011, p. 40).

Ao analisar a proposição de Barros (2011), percebemos que ela se adequa com o objeto de estudo deste trabalho. O povo Akwẽ/Xerente quando contrastado com a cultura não indígena, torna mais visível a individualidade de cada cultura. Aí se aplica a alteridade presente na história cultural, nas duas culturas distintas, que possibilitam por sua vez iluminarem-se uma a outra; a comunidade indígena Xerente em contraposição à comunidade não indígena, cada uma com suas idiossincrasias.

Quando se fala de história cultural não se pode deixar de explanar sobre os conceitos de práticas e representações, de história social e de história política, abordados por Roger Chartier (2002) em sua obra “História Cultural: entre práticas e representações”. As práticas e representações apresentadas por Chartier (2002) revelam a experiência simbólica que os indivíduos têm no meio social consigo mesmos e com os outros.

No tocante à história cultural apresentada por Chartier (2002), o mesmo enfatiza que a sua obra, publicada entre os anos de 1982 e 1986, é uma resposta a sua insatisfação sentida naquele momento em relação à história cultural francesa, também chamada de “história das mentalidades” e de “história serial, quantitativa”, uma vez que a história estava ameaçada (CHARTIER, 2002, p. 13).

Sendo assim, a história cultural para Chartier (2002)

tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Neste sentido “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Cabe ressaltar a forma dos Akwẽ/Xerente de perceber seu meio social, sua própria cultura. O que notamos ao conversar com os Akwẽ/Xerente é uma supervalorização de sua própria cultura material e também a não material. Essa característica é própria de todos os povos, mas os Akwẽ ao relatar sobre seus valores remetem-se à tradição oral com a autoridade fundada nos ancestrais. Ao ressaltar essa questão da percepção do seu próprio meio social, Chartier (2002) evidencia que

as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p. 17).

A ação dos Xerente sobre sua própria realidade não é a de seres passivos, mas sim ativos, de si para si e para com os outros. Trata-se de ação consciente, pois são livres e vivem da forma como gostam nas aldeias, jeito simples aos olhos dos não índios. Eles criam seus próprios discursos, produzem suas estratégias e práticas de divulgação da sua cultura, agindo e reconhecendo-se de forma coletiva.

Atualmente, os Akwẽ/Xerente buscam evidenciar a importância da sua cultura, seus valores e representações, seja através do seu artesanato, de suas festas tradicionais, dos materiais didáticos produzidos, da casa da cultura Akwẽ, dos cantos e CDS gravados, entre outros. Sobre essas lutas pela representação, Chartier (2002) enfatiza que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 2002, p. 18).

No que se refere às práticas mais tradicionais ainda existentes no seio do povo Akwẽ/Xerente, Lima (2016) expõe um diálogo colhido numa entrevista com um professor Xerente, na qual fica evidente sua visão sobre sua própria cultura na atualidade e os desafios para mantê-la. Assim foram suas palavras sobre a sua cultura na atualidade:

A cultura permanece viva, assim nos dias da comemoração da festa cultural, no cotidiano a gente vive de roupa, mas no dia da festa todos estão pintados, a língua akwẽ é 100% falada dentro do território. Aqui dentro da aldeia é 100% materno, as orientações e a educação dentro da aldeia na cultura. Na cidade nós falamos português, mas os universitários e os que moram na cidade, talvez deva ter colocado dentro da cabeça que precisa falar até mesmo com os índios na cidade na universidade em português, mas quando eles vem para cá eles o comportamento é dentro da cultura. Nós sabemos que a cultura é dinâmica a cada ano ela passa por um período de mudança. Então isso depende de cada grupo as influências de não indígenas, a televisão, as

tecnologias que entram na aldeia (Professor Indígena, novembro de 2015) (LIMA, 2016, p. 141).

Segundo Lima (2016) a festa cultural que acontece atualmente é a da cerimônia de nomeações das crianças, corrida de tora e também as cerimônias de casamentos na cultura. Essas manifestações culturais são exemplos de como a cultura Xerente está ativa e permanecem com suas tradições, mesmo havendo um desinteresse de alguns jovens em seguir determinados ensinamentos, como é o caso do Dapradâ (que é um momento sagrado em que é uma obrigação ou um ato simbólico levar uma carne moqueada, acompanhada de beiju ou farinha, ou até mesmo peixe assado para o mais velho como sinal de respeito), que quase está indo à extinção. Estes são alguns dos desafios que o povo Akwê/Xerente enfrenta atualmente, todavia a sua cultura permanece viva.

2 O PROGRAMA DE COMPENSAÇÃO AMBIENTAL INDÍGENA XERENTE (PROCAMBIX): METAS DAS AÇÕES SOBRE CULTURA

2.1 PROCAMBIX: as metas e suas efetividades propostas para a cultura Akwẽ/Xerente.

O sub-programa da Cultura e Cidadania do PROCAMBIX foi composto de três projetos, sendo eles: “(i) Capacitação de Professores Indígenas e Lideranças Xerente; (ii) Fortalecimento da Organização Interna Xerente e; (iii) Casa de Cultura” (CORDEIRO, 2009, p.68).

De acordo com o projeto do PROCAMBIX (2001, p. 131), o objetivo geral da capacitação dos professores indígenas e lideranças Xerente é para lidar com a temática do impacto gerado pela UHE Lajeado/Luiz Eduardo Magalhães e instrumentalizar os professores e lideranças Xerente, para avaliar os impactos gerados ao longo dos anos pela construção da UHE Lajeado, conhecer as alternativas legais para defesa de seu território e abordar a temática ambiental nas escolas das Terras Indígenas Xerente e Funil (PROJETO PROCAMBIX, 2001. p. 131).

Sendo assim, os objetivos e metas propostos no âmbito da cultura para o projeto de Capacitação de Professores Indígenas e Lideranças Xerente foram os apresentados a seguir: 1. Capacitar 46 professores e 34 lideranças Xerente; 2. Produzir material sobre os impactos produzidos ao longo dos anos pela UHE Lajeado, de divulgação, pesquisa e uso didático pedagógico. Promover a capacitação quanto à legislação que se refere especificamente aos povos indígenas, com enfoque à questão ambiental e avaliação participativa do subprojeto com a comunidade indígena (PROJETO PROCAMBIX. 2001, p. 131-132).

De acordo com as metas apresentadas no subprojeto da cultura, percebe-se que elas se resumem em realizar 6 Módulos e 6 Oficinas de produção de material didático pedagógico específico, de 32 horas cada. Para todos os módulos foi proposto produção de material didático pedagógico bilíngue sobre a temática abordada. No módulo I sobre Sistema de Produção Original, e Sistema de Produção Atual; no módulo II sobre Terra e Água; no módulo III sobre Ecologia e Cerrado; no Módulo IV sobre Roças e Variedades Tradicionais; no Módulo V sobre Sistemas Agroflorestais e no Módulo VI sobre Manejo dos recursos naturais.

Segundo Cordeiro (2009), foram realizados cursos de capacitação para professores e lideranças Xerente e também edições de cartilhas educativas no âmbito ambiental. Assim explanou:

A primeira atividade de capacitação foi realizada em maio de 2003, através de uma parceria com a Naturatins. Nesta oficina os agentes ambientais elaboraram cartilhas na área de educação ambiental. Os cursos em educação ambiental para os professores indígenas foram realizados em 3 módulos, também em parceria com a Naturatins. Em junho e outubro de 2005 foram realizados dois cursos, sendo o primeiro deles na Aldeia Porteira reunindo professores dos PINs¹⁰ Xerente, Brupré e Funil e agentes ambientais. O segundo curso reuniu professores dos PINs Rio Sono e Brejo Comprido, contando com o acompanhamento da Coordenadora Pedagógica dos professores indígenas. No ano de 2006, por solicitação da Coordenadoria de Educação Indígena da SEDUC, foi realizado um único curso reunindo todos os professores indígenas. O terceiro e o último módulo foram realizados em setembro de 2008, reunindo 60 professores e 15 agentes ambientais (CORDEIRO, 2009, p. 68).

O sentido destas metas foi o de preservar as tradições do povo Akwê/Xerente no que se refere a sua cultura. Nota-se que os meios usados para essa preservação foi a educação, através de oficinas, de seminários, edição de cartilhas e revistas, justamente meios pelos quais a efetividade se mostra a longo prazo, porém tem uma grande credibilidade.

Sobre a capacitação de professores indígenas, o relatório final de avaliação do PROCAMBIX explica que “as atividades de capacitação foram voltadas às lideranças indígenas, professores indígenas, agentes ambientais e técnicos envolvidos na execução do Programa” (Cordeiro, 2009, p. 68), em parceria com o Instituto Natureza do Tocantins – NATURATINS. Neste subprojeto o principal foco foi a temática ambiental, portanto foram feitas nas oficinas de professores, cartilhas de conscientização ambiental.

Ao se tratar do fortalecimento da organização interna Akwê/Xerente, o que o projeto inicial do PROCAMBIX previa era a capacitação de membros das associações, lideranças e membros do CDIG - Conselho Deliberativo Interinstitucional Gestor do PROCAMBIX. As reuniões tiveram parceria da SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Tocantins - a partir do segundo módulo iniciado em 2003. O sentido dessas reuniões era a participação mais ativa das lideranças indígenas no projeto.

A respeito do Centro Cultural ou Casa de Cultura, foi evidenciado no relatório final de avaliação do PROCAMBIX que sua construção visava fazer um resgate e/ou uma

10 PIN: Programa de Integração Nacional

restauração de aspectos da cultura Akwẽ que estavam em desuso que foram importantes de serem recuperados e também fortalecer aquilo que se praticava todos os anos. A cultura Xerente não estava esquecida e nem estática, mas sim, viva e dinâmica, todavia ao mesmo tempo viram a possibilidade de criar a Casa de Cultura que é mais um elemento simbólico da cultura Xerente.

Sua construção enfrentou dificuldades e foi iniciada em janeiro de 2008. Dentre as dificuldades citadas, destacam-se a dificuldade de conseguir o terreno legalizado na cidade de Tocantínia. No ano de 2003 o Ministério Público tentou, através da prefeitura de Tocantínia, a doação do terreno, porém sem sucesso. Em 2004 o terreno foi adquirido e logo em seguida foi contratado o projeto arquitetônico que foi outro processo demorado, pois necessitou da aprovação da FUNAI. Depois foi feito um processo licitatório para a construção da obra.

A obra foi iniciada em janeiro de 2008 e finalizada em maio de 2009. Durante o período de funcionamento do projeto nas aldeias Xerente, foram realizadas constantemente as festas culturais. Isso possibilitou o registro dessas festas em fotos e vídeos, que posteriormente foram levados para a Casa da Cultura Akwẽ com o objetivo de resguardar a cultura do povo Xerente. “Entre as festas realizadas cabe destacar a Festa Cultural Dasipê realizada em parceria com a AIA¹¹, na aldeia Krite, em julho de 2007” (CORDEIRO, 2009, p. 69).

A festa cultural “Dasipê” se trata de uma cerimônia que ocorre durante uma semana referente a nomeações masculinas e femininas. Ou seja, cada pessoa de cada clã escolhe seus nomes de acordo com suas tradições clânicas e os coloca nas crianças e é feito um batismo das crianças durante a festa.

Outra cerimônia que, segundo Edivaldo Xerente (2021), estava esquecida e foi realizada durante o PROCAMBIX foi a cerimônia “Penkware”. Foi realizada a seguinte pergunta ao senhor Edivaldo: *O sr. falou que queria resgatar alguns elementos que não eram praticados naquele momento. O sr. pode citar quais foram praticados à época da execução do PROCAMBIX?* A sua resposta foi a seguinte:

Sim. Teve o que a gente chama de Penkware, são os guerreiros de apaziguação, né. Então assim, no passado existia esses guerreiros que resolvia os conflitos interno né, então o que me marcou foi isso né, que a gente teve que resgatar isso, trazer de volta é... até hoje, só porque assim é... uma vez indicado vai até... não fica mudando (EDIVALDO XERENTE, entrevista via *Google Meet*, 07 de julho de 2021)

11 AIA: Associação Indígena Akwẽ

Seguem abaixo fotos dos guerreiros de paz escolhidos durante a festa cultural em 2004:

Figura 1 - Guerreiros de paz: Pedro (esq.) e Lenivaldo (dir) na Aldeia Recanto Krite, 2004.



Foto e arquivo: Edivaldo Xerente (2004).

Figura 2 - Casa dos Guerreiros de paz na Aldeia Recanto Krite (Pedro à frente), 2004.



Foto e arquivo: Edivaldo Xerente (2004).

Nas palavras de Edivaldo Xerente os dois escolhidos foram Lenivaldo Xerente (Srapte na língua Akwê) e o Pedro (Warõ na língua Akwê). “Na época foi os dois que foram escolhidos pra fazer esse papel de conselheiro” (Edivaldo Xerente, 2004). A escolha dos dois, como guerreiros de paz, ocorreu no ano de 2004 na aldeia Recanto Krite. Os seus papéis eram os de conselheiros das pessoas, para manter a paz diante de algum conflito nas aldeias. Para o entrevistado a cerimônia intitulada “Pekwa” na língua Akwê, foi muito importante, pois já havia algum tempo que não era celebrada.

Ainda sobre o projeto na área cultural, “O Programa promoveu cursos de artesanato buscando valorizar o conhecimento local sobre o manejo de buriti e o aperfeiçoamento dos artesãos no manejo do capim dourado” (CORDEIRO, 2009, p. 70).

Em abril de 2003 foi organizada uma primeira oficina em parceria com a Fundação Cultural do Tocantins, reunindo 12 participantes (3 homens e 9 mulheres). Em outubro de 2006 foi realizado um curso de artesanato na Aldeia Salto, reunindo mulheres dos PINs Xerente, Brupré e Rio Sono. No 2º semestre de 2007 foi realizada uma reunião sobre resgate do artesanato de uso doméstico com representantes das aldeias Boa Esperança, Cercadinho e Serra Verde. Em maio de 2008 foi realizada uma nova oficina de capacitação na Aldeia Salto, reunindo 20 participantes. No mês seguinte, a mesma oficina foi realizada na Aldeia Brupré reunindo outros 20 participantes. Estas oficinas tiveram como instrutores membros da comunidade indígena com conhecimento no manejo do buriti (CORDEIRO, 2009, p. 70).

Este projeto de resgate e/ou restauração da cultura Akwê se mostrou razoavelmente eficaz quanto ao alcance de seus objetivos no tocante aos registros das festas culturais do povo Akwê/Xerente. Pode-se dizer que tais propostas se concretizaram através da casa da cultura Akwê. Além de ter realizado as festas culturais entre o seu povo, incentivado o artesanato e as comidas tradicionais Xerente, eles foram ao Estado do Mato Grosso no ano de 2007 em um encontro denominado “círculo dos saberes” junto com um dos povos indígenas daquele estado, os Parecis. Lá apresentaram seus artesanatos e sua comida típica, realizando, assim, uma troca cultural. Além dos Parecis, os Xerente tiveram contato e trocaram experiências neste evento também com as seguintes etnias: “Umutina, Enawene Nawe, Bakairi, Bororo, Terena, Cuicuro do Xingu, Haliti e Mundurucu” (CORDEIRO, 2009, p. 71).

O relatório cita várias dificuldades que foram enfrentadas durante a execução dos projetos que estavam inseridos na área da cultura. Dentre estas dificuldades cabe citar os recursos limitados para o subprograma de cultura e cidadania e a falta de veículos para a locomoção dos integrantes envolvidos com o desenvolvimento dos projetos.

Lima (2017) evidenciou em sua tese que após a construção da UHE Luiz Eduardo Magalhães, quando o programa começou, mais de quarenta por cento do recurso do PROCAMBIX foi destinado à administração do projeto, e que há um descontentamento generalizado e críticas severas aos gestores (LIMA, 2017, p. 160).

Também houve a demora na construção da Casa de Cultura, fato que comprometeu outras metas, a falta de edição e divulgação dos registros feitos durante os eventos, ficando a conhecimento somente da coordenação do programa e também as atividades de capacitação não atingiram todas as aldeias, ficando abaixo das metas estimadas.

Pode-se inferir que os pontos positivos do subprojeto da cultura foram a construção da casa da cultura, os registros das manifestações culturais do povo Xerente, que contempla os objetivos do programa, de resgate e divulgação da cultura Akwê. Já os pontos negativos foram as dificuldades relacionadas a atrasos burocráticos de transportes, de documentações por exemplo, da arquitetura do centro cultural além da não divulgação dos registros feitos à época.

O relatório final de avaliação do PROCAMBIX avaliou que os recursos empenhados na área cultural foram escassos, talvez seja por esse motivo que algumas ações ocorreram com vagarosidade. Os impactos na área da cultura foram principalmente a forma tradicional de os Xerente fazerem a roça de toco e coivara, que a partir do lago foi modificado. Neste sentido, foi impactada também a alimentação do povo, uma vez que os peixes sofreram transformações devido ao PH da água ter mudado, e muitos animais (as caças) terem migrado.

Quando se trata de mitigação de impactos culturais, que foi um dos objetivos do PROCAMBIX, pode-se afirmar que o programa ajudou diminuir os danos em determinadas áreas ou subprojetos. Já em outras não obteve êxito.

Um ponto importante de se relatar dentro do programa foram as festas culturais do povo Xerente, que estavam deixando de serem realizadas por falta de recursos financeiros, e que no decorrer do PROCAMBIX, principalmente nos anos de 2006 e 2007, foram realizadas, pois haviam os recursos necessários. Isso possibilitou o registro desses eventos tradicionais em fotos, áudios e vídeos. Sendo assim, na área cultural, provavelmente foram os registros e a construção da casa da cultura, os mais importantes e lembrados pelo povo, talvez pelo fato de serem tangíveis.

A importância desse subprojeto da cultura dentro do PROCAMBIX anteriormente abordados para a cultura Xerente, foi a princípio mitigar os impactos culturais causados

pela construção dessa grande usina – UHE Luiz Eduardo Magalhães – mas acima de tudo manter sua cultura ativa, com seus cantos, suas cerimônias, sua alimentação, seus conhecimentos e práticas de artesanato, sua maneira de plantar e colher alimentos. Além disso, ter sua cultura registrada e tangível. Cunha (2009) explica que essa “cultura” em forma de registro também chamada de cultura para si, “tem a propriedade de uma metalinguagem: é uma noção reflexiva que de certo modo fala de si mesma” (CUNHA, 2009, p. 356).

Se pensarmos nas imagens, nos áudios e vídeos em forma de registro das atividades culturais, essa metalinguagem se concretiza, uma vez que os Xerente estão falando de si mesmos e refletindo sobre seus próprios conhecimentos e práticas tradicionais.

Neste caso, cabe fazer a pergunta: qual a efetividade das metas propostas na área da cultura? Se formos pensar nos projetos realmente realizados, podem ser citados: a Casa da Cultura Akwê de Tocantínia, em seguida algumas oficinas com professores nas aldeias sobre conscientização em relação à usina e produção de panfletos educativos, e posteriormente os registros em imagens, áudios e vídeos das festas tradicionais Xerente.

Provavelmente por ser o primeiro programa de mitigação de impactos ambientais recebido pelo povo Xerente, tiveram dificuldades inerentes ao desenvolvimento do programa. Não dominavam os processos, além de aplicarem recursos demasiados no setor administrativo do programa. Não obstante, surgiram dificuldades pontuais no decorrer do programa, que podem ter dificultado o cumprimento de certas metas como, por exemplo, a demora em conseguir o terreno da casa da cultura Akwê/Xerente.

2.2 Os recursos financeiros do PROCAMBIX aplicados no subprojeto da cultura

De acordo com o relatório de avaliação final do PROCAMBIX, realizado por Cordeiro (2009), o programa recebeu mais de dez milhões de reais ao final, contando com os reajustes e juros ao longo dos oito anos. Assim está explicitado no relatório:

Conforme os termos do acordo firmado entre INVESTCO E FUNAI, os R\$10.105.000,00 foram repassados ao longo de 8 anos, em duas parcelas anuais, sendo corrigidos pela variação do IGPM. Incorporando os reajustes e com base nas previsões de repasses de 2009, o Procambix chega ao final do oitavo ano com um repasse em torno de 15 milhões de reais. Este valor foi repassado em 16 parcelas (Tab.19), através de depósito na conta da Renda Indígena, administrada pela Coordenação Geral do Patrimônio Indígena/ FUNAI, com sede em Brasília (CORDEIRO, 2009, p. 81).

As parcelas, apresentadas no documento abaixo, se referem a todo o programa de compensação ambiental Xerente. Foram pagas 16 parcelas no total, em cada ano foram pagas 02 parcelas, durante os anos de 2002 e 2009.

Segue abaixo a tabela na qual as 16 parcelas e valores foram listados com suas respectivas porcentagens. A tabela demonstra o total de repasses da INVESTCO ao PROCAMBIX ao longo da sua execução. Nota-se que as porcentagens aplicadas não diferem em valores da 1ª até a 16ª.

Tabela 2: Valores previstos e valores repassados pela Investco ao Procambix (R\$)

Ano	% Valor Total	Parcela	Valor Previsto ^(a)	Valor Repassado ^(b)
2002	15%	1a	757.875,00	757.875,00
		2a	757.875,00	757.875,00
2003	15%	3a	757.875,00	973.558,95
		4a	757.875,00	973.558,95
2004	12%	5a	606.300,00	846.539,63
		6a	606.300,00	846.539,63
2005	12%	7a	606.300,00	951.679,74
		8a	606.300,00	951.679,74
2006	12%	9a	606.300,00	963.107,14
		10a	606.300,00	963.107,14
2007	12%	11a	606.300,00	1.006.000,00
		12a	606.300,00	1.006.000,00
2008	12%	13a	606.300,00	1.077.638,83
		14a	606.300,00	1.077.638,83
2009	10%	15a	505.250,00	1.004.750,50
		16a	505.250,00	1.004.750,50
TOTAL			10.105.000,00	15.162.299,58

Fonte: (a) Conforme dados do PAT 2002; (b) conforme dados do DEPIMA registrados no PAT 2005, PAT 2008 e PAT 2009.

(Fonte: CORDEIRO, 2009, p. 82).

Segundo Cordeiro (2009, p. 79) o PROCAMBIX adotou um sistema dinâmico de planejamento de atividades, tendo como instrumento o Plano Anual de Trabalho tendo com sigla PAT.

Os PATs foram elaborados a partir do mês de novembro do ano anterior à sua execução e submetidos para aprovação do CDIG

(Conselho Deliberativo Interinstitucional Gestor do Procambix) na primeira reunião Ordinária do ano de sua execução, realizada geralmente no mês de março (CORDEIRO, 2009, p. 79).

No subprograma da cultura foram aplicados, segundo o PAT 2002, somente para o Centro Cultural, as seguintes porcentagens: em 2002 o percentual foi de 14,84%; em 2003 não aplicável; em 2004 foi de 4,12%; em 2005 foi de 4,12%; em 2006 foi de 4,12%; em 2007 foi de 4,12%; em 2008 foi de 6,44%; em 2009 foi de 6,2% obtendo assim média final de 5,5%. Esses dados podem ser observados na tabela abaixo, constante no relatório de avaliação final do programa, realizado por Cordeiro (2009).

Tabela 3: Porcentagem (%) do total anual de recursos destinada a cada um dos projetos do Procambix conforme definições do PAT 2002.

Projeto	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Média
Apoio Administrativo-Operacional	12,79	21	26,24	26,24	26,24	26,24	26,24	31,49	24,56
Galinhas	12,31		8,4			8,55			3,66
Piscicultura		22,55	7,33	6,81	7,33	10,75	6,81		7,70
Quintais				3,93	1,16		1,38	1,39	0,98
Centro Cultural	14,84		4,12	4,12	4,12	4,12	6,44	6,2	5,50
Estruturação da Base	26,95	23,63	20,62	20,62	20,62	9,9	5,77	6,93	16,88
Gestão e Conservação de Microbacias + Educação Ambiental + Extrativismo	19,79	10,9	9,89	14,31	13,64	13,14	12,37	14,84	13,61
Registro e Documentação	2,06	2,09	1,48	2,06	2,06	2,47	3,88	2,97	2,38
Roça Mecanizada	7,88	17,52	21,9	21,9	21,94	21,94	22,68	25,73	20,19
Apicultura e Meliponicultura							11,54	6,98	2,32
Capacitação	3,38	2,31			2,89	2,89	2,89	3,46	2,23

(Fonte: CORDEIRO, 2009, p. 39).

Ao analisar a tabela de porcentagens do orçamento para os projetos, nota-se que o projeto de Apoio Administrativo-Operacional foi o que mais recebeu recursos financeiros. Com média final de 24,56%, superou o projeto de roça mecanizada que supostamente seria o que mais carecia de recursos por necessitar de máquinas pesadas, o qual ficou, por sua vez, com a média final de 20,19% do orçamento. Já para a cultura colocando o Centro Cultural com 5,50% e o Registro e documentação com 2,38% de média final, alcançou-se na área cultural, segundo essa tabela, o total de 7,88% de recursos investidos. Nota-se que os valores investidos à cultura foram poucos. Talvez seja porque priorizaram atividades agrícolas e manejo de animais para a alimentação tais como gado, peixes e galinhas.

De modo geral, a gestão destes recursos foi desregulada em certa medida, uma vez que certas áreas tiveram mais investimentos que outras como podem ser vistas nas tabelas de orçamentos e gastos. Porém, a longo prazo não foram perenes, como é o caso das roças mecanizadas. No tempo do PROCAMBIX as roças mecanizadas funcionaram bem, porém após o programa parou de funcionar, pois demandava de recursos para as plantações, tais como inseticidas, máquinas pesadas, de manutenção, de combustível, recursos esses que os indígenas não possuem por conta própria.

Atualmente, podem ser vistos como vestígios do programa, na cidade de Tocantínia - TO, a Casa da Cultura Akwê, os registros fotográficos, CDs de cantos gravados e ainda segundo alguns Xerentes podem ser vistas algumas máquinas como tratores, jogados em algumas aldeias desgastados pelo tempo. A conclusão que se pode tirar disso é que investimentos em longo prazo tendem a ter melhores resultados, como é o caso da cultura e seus registros.

2.3 Ações realizadas e não realizadas na execução do subprojeto da cultura

As ações previstas para a cultura Akwê/Xerente no projeto inicial do PROCAMBIX eram: plano de ação para Centro Cultural e de apoio à execução do Programa, Plano de ação para capacitação de lideranças e associações indígenas. O objetivo dessas ações eram o de fortalecer a cultura Xerente e também preparar os Xerentes para a sua inserção e adaptação nesse contexto desenvolvimentista decorrente da implantação e funcionamento da UHE.

As ações realizadas no âmbito da cultura foram as seguintes: A Casa da Cultura Akwê/Xerente, as oficinas com professores e lideranças Akwê/Xerente, os registros das festas culturais em fotos e vídeos, além da gravação de CD e DVD de cantos importantes.

Sobre a capacitação de professores e lideranças Akwê/Xerente, foram previstas as seguintes metas esperadas para a ação: capacitar 46 professores e 34 lideranças Xerente, totalizando 80 pessoas; montar equipe para execução do projeto (antropólogo, e agrônomo ou engenheiro florestal, profissional de arte e educação, linguista, designer gráfico, advogado); realizar 6 módulos e 6 oficinas de produção de material didático pedagógico bilíngue sobre: sistema de produção; terra e água; ecologia do cerrado, roças e variedades tradicionais; sistemas agroflorestais; manejo dos recursos naturais. Realizar 16 excursões didático-pedagógicas a projetos de desenvolvimento sustentável do cerrado e centros de pesquisa; produzir material didático sobre impactos da UHE; editar 6

apostilas bilíngues; editar e publicar 6 livros bilíngues, com 2 mil exemplares cada; realizar 6 oficinas de 24 horas para edição de livros; capacitação sobre legislação, realizando 8 seminários de 32 horas para 90 lideranças.

A capacitação de professores e lideranças Akwẽ/Xerente foram realizadas nas aldeias, conforme aponta o balanço de resultados de Cordeiro (2009):

A primeira atividade de capacitação foi realizada em maio de 2003, através de uma parceria com a Naturatins. Nesta oficina os agentes ambientais elaboraram cartilhas na área de educação ambiental. Os cursos em educação ambiental para os professores indígenas foram realizados em 3 módulos, também em parceria com a Naturatins. Em junho e outubro de 2005 foram realizados dois cursos, sendo o primeiro deles na Aldeia Porteira reunindo professores dos PINs Xerente, Brupré e Funil e agentes ambientais. O segundo curso reuniu professores dos PINs Rio Sono e Brejo Comprido, contando com o acompanhamento da Coordenadora Pedagógica dos professores indígenas. No ano de 2006, por solicitação da Coordenadoria de Educação Indígena da SEDUC, foi realizado um único curso reunindo todos os professores indígenas. O terceiro e o último módulo foram realizados em setembro de 2008, reunindo 60 professores e 15 agentes ambientais (CORDEIRO, 2009, p. 68).

Sobre as capacitações de professores e lideranças Xerentes houve comentários entre os Xerentes de que não foram bem feitos, no sentido de que privilegiou alguns grupos de indígenas indicados por caciques em detrimento de outros.

Sobre estas metas propostas - realizar 6 módulos e 6 oficinas de produção de material didático pedagógico bilíngue sobre: sistema de produção, terra e água, ecologia do cerrado, roças e variedades tradicionais, sistemas agroflorestais, manejo dos recursos naturais – não se pode afirmar que todas foram alcançadas, pois não constam nos relatórios de avaliação do programa.

Já sobre a ação de realizar 16 excursões didático-pedagógicas a projetos de desenvolvimento sustentável do cerrado e centros de pesquisa, produzir material didático sobre impactos da UHE, estes foram cumpridos. As excursões foram realizadas em aldeias do Mato Grosso, onde tiveram contato com projetos semelhantes àqueles que realizaram no PROCAMBIX.

As ações referentes à edição de 6 apostilas bilíngues; edição e publicação de 6 livros bilíngues, com 2 mil exemplares cada; realizar 6 oficinas de 24 horas para edição de livros; capacitação sobre legislação, realização de 8 seminários de 32 horas para 90 lideranças não foram todas alcançadas e não constam no relatório final de avaliação do PROCAMBIX.

O material didático pedagógico sobre impactos ambientais foi impresso e entregue à comunidade Xerente porém fora do prazo previsto, quase ao final do programa. A capacitação sobre legislação através de 8 seminários para lideranças Xerentes foram realizados para o povo Xerente para que ficassem aptos a acompanhar as burocracias do programa.

Os resultados esperados para estas ações no campo da cultura eram a formação de massa crítica entre o povo Xerente para avaliar impactos de empreendimentos e defender seu território; ampliação das ações de conservação e defesa dos recursos naturais no território Xerente; difusão da temática nas escolas e região de entorno; melhoria das relações sociais com a região de entorno.

Sobre os resultados esperados, pode-se dizer que foram em certa medida alcançados, uma vez que o povo Akwê/Xerente se preparou, estudou e participou ativamente do PROCAMBIX mesmo com as dificuldades. Hoje as lideranças Akwê/Xerente, aquelas que participaram das capacitações durante a execução do PROCAMBIX, são capazes de avaliar possíveis impactos ambientais e culturais em suas aldeias ou em outros povos por causa da experiência que obtiveram nesse programa.

Sobre a conservação e defesa dos recursos naturais no seu território, os Akwê/Xerente são exemplos de cuidado com a natureza, pois a veem como parte de si mesmos, uma vez que não destroem, não queimam e nem realizam desmatamentos demasiadamente, apenas para a agricultura de subsistência.

No geral, algumas metas foram alcançadas, porém com muitas dificuldades, as vezes dificuldades de logística, ora por demora em liberação de documentos e até na execução. Na área da cultura não teve tantos recursos financeiros para se desenvolver os projetos pretendidos como consta nas planilhas do relatório do PROCAMBIX, todavia aquelas que foram executadas tiveram grande alcance e reverberam até hoje no seio da comunidade Xerente.

3 O PROCAMBIX E A CASA DA CULTURA AKWÊ/XERENTE

3.1 Trajetória da efetivação da Casa da Cultura Akwê

De acordo com as entrevistas realizadas com os Akwê/Xerente, a Casa de Cultura Xerente foi um pedido dos mais velhos, os anciãos. Nas palavras de Silvino “os caciques levou o pedido dos ancião né, pra ter uma Casa de Cultura pra só resolver que é do PROCAMBIX né, e aí todos participavam, né. Então foi um processo longo, processo de pedido dos mais véi né” (SILVINO XERENTE, 2021).

Paulo Waikarnase também relatou que desconhecia uma Casa de Cultura em outro povo indígena, mas que “no Xerente era a primeira vez, a Casa de Cultura Akwê construída pelo Programa de compensação Ambiental Xerente”, e então refletiu sobre esse ponto

Agora na época concordaram de fazer isso na cidade de Tocantínia, uma área que foram comprado, né, um valor x pela associação e isso demandou que construísse a Casa de Cultura Akwê, que seria o primeiro projeto apresentado na época do PROCAMBIX, a Casa de Cultura que saiu quase final do programa mas isso a FUNAI em conjunto com algumas lideranças projetaram de a Casa de Cultura é funcionasse também o programa né, é a gestão do programa, ali a sala de gerê(a)ncia as três coordenações e a associação. Então foram feito o projeto arquitetônico com o engenheiro da FUNAI na época, fez esse projeto arquitetônico, então isso veio construir em Tocantínia. Então a Casa de Cultura nasceu no meio, no olhar do povo Xerente (PAULO WAIKARNASE XERENTE. Relato oral, 06 de julho de 2021).

Ao analisar a fala de Paulo Xerente percebe-se que há uma lembrança forte entre os Akwê/Xerente sobre o atraso em relação à construção da Casa de Cultura. Outro ponto importante é que a Casa de Cultura sediaria toda a administração do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente (PROCAMBIX), porém isso não foi possível uma vez que sua efetivação foi ao fim do programa. Neste sentido a sede administrativa do programa funcionou em casas alugadas na cidade de Tocantínia-TO, ora em uma casa, ora em outra, de acordo com o tempo de contrato.

Daí se originou o interesse e debate sobre a Casa de Cultura dos Akwê/Xerente, a partir de um pedido dos mais velhos das aldeias, chamados de anciãos. No povo Akwê/Xerente os anciãos são considerados os mais sábios dentro da sua cultura.

Seguindo com esse entendimento Cunha (2009) elenca um exemplo de conhecimentos tradicionais na Melanésia e na Amazônia

Na Melanésia, como informa Lindstrom, o conhecimento está fundado na autoridade da fonte. Já na Amazônia, segundo vários autores, é a

experiência direta que prevalece. O conhecimento se fundamenta no peso das experiências visuais, auditivas e perceptivas. A sabedoria atribuída a certos anciões e pajés se deve às muitas coisas que teriam visto, ouvido e percebido (CUNHA, 2009, p. 365).

Assim como é abordado no exemplo acima, existem diferenças entre os povos da Melanésia e os povos da Amazônia quanto ao conhecimento tradicional. Para os Akwẽ/Xerente que habitam parte da Amazônia, os conhecimentos tradicionais e a sabedoria do seu povo estão em posse dos anciões, pelo fato de serem mais velhos e já terem uma grande bagagem de experiências de vida. Portanto essa sabedoria dos anciões Akwẽ/Xerente convergiu em construir uma Casa de Cultura.

A construção do Centro Cultural ou Casa de Cultura Xerente foi uma das metas do programa que movimentou o interesse e discussão do povo indígena. Segundo alguns indígenas do povo Akwẽ/Xerente que participaram do Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente (PROCAMBIX) entre os anos de 2002 e 2009, a Casa da Cultura Xerente deveria ser a primeira a ser construída de acordo com as perspectivas do povo indígena à época do programa, para sediar a administração do PROCAMBIX. Isso não ocorreu por uma série de dificuldades encontradas ao longo da execução do programa.

Segundo Edivaldo Xerente, um dos entrevistados nesta pesquisa, houve grandes dificuldades de encontrar um lote legalizado na cidade de Tocantínia-TO, o que ocasionou grande demora no processo de construção da Casa da Cultura. Assim afirmou:

E... e foi assim, um processo lento que saiu quase no final do programa, porque, por falta {...} aqui na cidade é {...} tem a questão de legalização dos lotes né. Tem escritura, tudo. E como é um recurso público né, se tornou um recurso público, na hora que entrou na FUNAI né, aí tinha que atender todos os trâmites de órgão público – Licitação. E acabou que, comprometendo muito né. Já veio sair, o quê, eu acho que faltava três ou quatro anos pro programa acabar que foi construído. Em função disso né, que teve essa demora porque ninguém tinha terreno legalizado né. Tanto é que no projeto era pra ser um dos primeiro né, os primeiro a ser construído pra sediar o programa né. Não aconteceu né (EDIVALDO XERENTE. Relato oral, 07 de julho de 2021).

Depois de grande dificuldade o terreno foi providenciado durante a coordenação de Vanda à frente da cultura, quando foi adquirido o lote para a construção da Casa de Cultura, sendo que ela relatou que foi uma obra muito cara, com pouco uso posterior e que hoje está sediando a administração da FUNAI em Tocantínia. Ela colocou da seguinte forma:

Essa Casa de Cultura era da minha coordenação, a gente conseguiu aquele lote lá na época sabe. Enfim, é uma exploração, foi, porque a casa foi muito cara, a construção foi muito cara e aí tá hoje a parte administrativa da FUNAI. Num é a casa num é da FUNAI. Mas como a FUNAI é responsável pelo povo indígena né tomou conta praticamente, mas ali não é a sede da FUNAI ali foi adquirido, a Casa de Cultura sabe, com recurso do PROCAMBIX e aí o recurso do PROCAMBIX foi com essa finalidade. É de ter uma casa em Tocantínia né, no período do nosso serviço, tinha a parte administrativa como eu coloquei mas futuramente seria um acervo. Era pra ser mesmo uma casa mais pro povo Xerente (VANDA SIBAKADI XERENTE. Relato oral, 26 de junho, 2021).

Portanto, “o terreno só foi adquirido no segundo semestre de 2004 possibilitando então a contratação do projeto arquitetônico”. Já a sua aprovação pela FUNAI órgão que representa legalmente o povo indígena “levou bastante tempo, atrasando ainda mais o cronograma”, segundo Cordeiro (2009). Depois disso abriram o processo de licitação para “abrir a concorrência e contratar a obra”. Sabe-se que todos esses trâmites demandam tempo e por esse motivo a obra foi finalizada ao fim do programa. “A mesma teve início em janeiro de 2008, com a conclusão da obra em maio de 2009”. (CORDEIRO, 2009, p. 70).

No que diz respeito aos objetivos, metas e resultados esperados sobre a Casa da Cultura Xerente, também chamada de Centro Cultural, Cordeiro (2009) expôs no documento a seguir da seguinte forma:

Tabela 4: Centro Cultural: objetivos, atividades & metas e resultados esperados

NOME DO PROJETO	OBJETIVOS	ATIVIDADES & METAS	RESULTADOS ESPERADOS
CENTRO CULTURAL	Incentivar a afirmação da identidade Xerente, possibilitando a valorização das expressões da cultura, da memória, da história e do modo de ser desta sociedade indígena, contribuindo para o seu reconhecimento e respeito pela sociedade não-indígena.	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir projeto com comunidade Xerente • Escolha e aquisição do terreno • Contratar o projeto arquitetônico • Construir em Tocantínia um espaço de 700 m2 para funcionamento do Centro de Cultura Akw? • Realizar oficina de capacitação para preparar representantes indígenas para assumir gerência da Casa • Coleta, identificação, classificação e catalogação de peças da cultura material Xerente • Pesquisa bibliográfica e documental sobre obras de referência da história e cultura Xerente, política indigenista para aquisição para acervo da biblioteca • Pesquisa de filmes e documentários para constituir acervo da videoteca • Confeção de folder, camisetas e postais • Preparação de publicações bilíngües sobre história e cultura Xerente 	<ul style="list-style-type: none"> • Centro Cultural construído e operante • Cultura Xerente valorizada e divulgada

(Fonte: CORDEIRO, 2009, p. 36)

A tabela demonstra claramente todo processo pelo qual a Casa de Cultura deveria passar até sua conclusão no que se refere aos objetivos e atividades para sua execução.

Portanto, isso foi e é muito importante para o povo Xerente. Na perspectiva de Cunha (2009) essa visão dos Akwẽ/Xerente de conservar sua cultura material numa casa de cultura expressa uma “metalinguagem: é uma noção reflexiva que de certo modo fala de si mesma”. Transparece aí a “cultura” com aspas, o que Cunha (2009) chama de “cultura para si”.

A construção da Casa da Cultura Akwẽ de fato ocorreu de janeiro de 2008 estendendo-se até maio de 2009, tendo fim no mesmo ano em que o Programa de Compensação Ambiental Xerente finalizou. O Centro Cultural foi construído num total de 16 meses, sendo atualmente uma das principais lembranças do PROCAMBIX por se tratar de um patrimônio material. A Casa da Cultura Akwẽ tem um espaço de 700 m² e tem como objetivo guardar acervos do povo Xerente, além de sediar a administração da FUNAI – Fundação Nacional do Índio – em Tocantínia - TO. Reuniões, encontros e outras demandas do povo Xerente tem como referência a Casa da Cultura Xerente como ponto de encontro.

No que diz respeito ao objetivo de realizar oficina de capacitação para preparar representantes indígenas para assumir gerência da Casa de Cultura, estas foram realizadas no decorrer do programa. Já a coleta, identificação, classificação e catalogação de peças da cultura material Xerente não foram realizadas da forma pretendida ficando restrita a poucos materiais tais como monografias. Foi feita a pesquisa bibliográfica e documental sobre obras de referência da história e cultura Xerente, política indigenista para aquisição para acervo da biblioteca. No que se refere à pesquisa de filmes e documentários para constituir acervo da videoteca e também a preparação de publicações bilíngues sobre história e cultura Xerente, estas não foram efetivadas por falta de recursos, inclusive a videoteca não foi montada.

O principal resultado esperado da construção da Casa da Cultura Akwẽ/Xerente era sua conclusão enquanto edifício e sua operação, e em seguida a Cultura Xerente valorizada e divulgada. Logo após a sua construção, a Casa da Cultura Akwẽ entrou em operação, sediando o programa de Compensação Ambiental Xerente (PROCAMBIX) apesar de já estar em seu fim no ano de 2009.

De acordo com informações dos próprios Akwẽ/Xerente, atualmente (2022) a Casa da Cultura está sendo usada pela FUNAI, órgão que representa legalmente assuntos dos povos indígenas no Brasil, para que cuide da casa e mantenha-a em funcionamento custeando os gastos de água e energia elétrica, uma vez que os indígenas não têm recursos

para mantê-la funcionando. Assim está a Casa da Cultura Xerente atualmente em sua parte externa (2021):

Figura 3: Casa da Cultura Xerente (frente), 2021.



Foto e arquivo: Silvino Simãwe Xerente, Dez. 2021.

Figura 4 - Casa da Cultura Xerente (entrada frontal), 2021.



Foto e arquivo: Silvino Simãwe Xerente, Dez. 2021.

Figura 5 - Banner do Centro de Memória Xerente da Casa de Cultura, 2021.



Foto e arquivo: Silvino Sirnãwe Xerente, Dez. 2021.

3.2 Acervo reunido e tratamento físico e digital recebido

De acordo com a pesquisa realizada neste trabalho, os acervos reunidos na Casa da Cultura Akwê são, nas palavras de Edivaldo Xerente (2021),

prestações de conta, tinha... tinha documentos antigos né, eram guardados lá né. Mas aí com o recurso acabou né, não tinha ninguém pra poder manter, pra zelar os acervos né, e eu também não fiquei até o final né, porque eu só fiquei de 2003 a 2004 né, metade do ano de 2004. Depois veio a Vanda né que me substituiu, aí tinha, tinha CDs nesse né. Inclusive foi até um projeto meu né, junto com outro indígena que a gente fez gravação de CD que foi {...}. Então assim, aí todo acervo fotográfico também vídeos né (EDIVALDO XERENTE. Relato oral, 07 de julho de 2021)

Edivaldo aponta que alguns objetos colocados na Casa de Cultura Xerente foram posteriormente retirados pelo fato de não haver segurança no local, e também a grande dificuldade de manter a casa ativa, em funcionamento. Ele afirma ainda que:

no início do projeto o objetivo era isso né. Pra manter toda documentação né, existente sobre a história Xerente. Era pra ser guardado lá né {na Casa de Cultura Xerente - grifo nosso}. E realmente não aconteceu por causa de isso aí, falta de manutenção né. Não tinha como manter lá uma pessoa pra poder né, tanto pra buscar e manter né, a documentação né (EDIVALDO XERENTE. Relato oral, 07 de julho de 2021)

Isso revela que após a finalização do PROCAMBIX toda a estrutura e objetivos que tinham sido planejados para o povo Akwê/Xerente no tocante à Casa de Cultura foi comprometida, uma vez que ao fim do programa os próprios Akwê/Xerente não teriam recursos para continuar com alguns dos projetos, neste caso a parte de manutenção da Casa de Cultura Xerente.

Paulo Waikarñase Xerente corrobora lembrando sobre os acervos da Casa da Cultura Xerente da seguinte forma:

Então, o resultado do material colhido na época, a filmagem, gravações de CDs, DVDs, os projetos das festas culturais, os rituais da cerimônia, da realização de cerimônias de casamento. Então tudo isso existe lá na Casa da Cultura Akwê, na biblioteca e também nos trabalhos científicos né, os universitários que vieram fazer pesquisa na aldeias no povo Xerente. Alguns desses alunos, é acadêmicos ou pós graduados deixaram um xérox do material ali na Casa de Cultura; revistas destinados aos povos indígenas o povos Xerente, é... jornais. Então isso tem, a gente guardado esse acervo ali na Casa de Cultura. É, material mesmo da cultura (PAULO WAIKARÑASE XERENTE¹². Relato oral, 05 de julho de 2021).

Já nas palavras de Silvino Xerente a Casa de Cultura guarda acervos históricos importantes, porém deveria, segundo ele, ter mais objetos do povo Xerente. Nas suas proposições o mesmo justifica que é por falta de segurança que não há mais elementos da sua cultura reunidos na Casa de Cultura Xerente. Assim, ele expôs em entrevista via *Google Meet* em junho de 2021:

É porque ali tem tudo né, pra mim, quando eu vou lá, tem dia que eu sento lá, eu pego uns livros, e um dia pra mim é muito pouco pra eu ler todo né, dá uma olhada, e ali você vê todos as histórias dos Akwen né, né todas assim que eu falo, mas a maioria, a... um pouco de história pra você se orientar pra você seguir, tem muito né, ali, é... CD, tem até DVD.

(eu intervi e perguntei se tinha artesanato também e ele prosseguiu respondendo)

Artesanato é só na foto mesmo, mas assim pra você ver, é... aquele “corvo” que a gente podia ter né, porque que não tem? Porque não tem segurança, se você deixar “corvo”, “borduno” tudo, isso aí tem preço né. O cara vai e... e pega, vende, mas era, Tocantínia, Ronney, era pra ter já uma Casa de Cultura com os artesanatos dos Akwê né, “borduno, corvo, pote, tapete, maraca, cocá”, e assim por diante. Teria que ter todos né (SILVINO XERENTE. Relato oral, 19 de junho de 2021)

¹² Entrevistado: Paulo Waikarñase Xerente é do povo Akwê/Xerente, formado em administração, pela UNITINS, e mestrando em ciências do ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (2021). Recém-formado em administração, ocupou o cargo de coordenador geral do PROCAMBIX pela maior parte do programa. Participou de capacitações e fez intercâmbios com outras etnias indígenas além de fazer cotações de preços para as licitações na parte administrativa.

Ao ler as falas dos Akwẽ/Xerente percebe-se que o grande problema em não haver alguns acervos importantes da cultura Xerente na Casa de Cultura se deve ao fato de não ter segurança na própria Casa de Cultura, de ser um prédio aberto, sem muros, onde qualquer um pode entrar.

Ao tempo da minha visita à Casa de Cultura Xerente, no ano de 2020, foi notado que a mesma estava em funcionamento com algumas pessoas trabalhando. Depois, no decorrer da pesquisa, fui informado que eram servidores da FUNAI. Havia uma estrutura externa semelhante a uma cobertura de cabana arredondada, com espaço amplo e vigas de madeira.

Quanto ao ambiente virtual, atualmente não há nenhuma plataforma de fotos dos acervos ou arquivos de *ebooks* (livros digitais) numa biblioteca digital ou até mesmo um blog da Casa de Cultura Xerente de Tocantínia - TO. O que se encontra na internet são algumas fotos, artigos de pesquisadores que já estudaram a comunidade indígena Xerente. Todavia, esses materiais são encontrados aleatoriamente sem nenhuma sequência ou cronologia histórica. Neste sentido não há uma Casa de Cultura Xerente de forma digital nem a divulgação da mesma por fontes digitais.

3.3 Formas de acesso ao acervo e sua utilização atual.

De acordo com pesquisas realizadas para este trabalho, o acesso aos acervos da Casa da Cultura Xerente é realizado através de visitas in loco na própria sede que se localiza na Avenida Beatriz Silva, S/N, Quadra 75, Bairro: Vila Planalto – Tocantínia – TO. Há também um email de contato disponível (centrodememoriaxerente@hotmail.com) que possibilita a troca de informações e/ou agendamento de visitas à Casa da Cultura Xerente.

O acesso à Casa da Cultura Xerente para pesquisas é livre, tanto para indígenas quanto para não indígenas. Ela é normalmente aberta de segunda-feira à sexta-feira em horário comercial. Atualmente (Jan, 2022) o responsável pela Casa da Cultura Xerente é o Coronel Lemos, que representa a FUNAI em Tocantínia, já que o próprio órgão está usando o edifício, cuidando e arcando com as contas de água e energia.

De acordo com os entrevistados, a Casa de Cultura é pouco utilizada pela população local de não indígenas da cidade de Tocantínia. Somente alguns professores indígenas e pesquisadores de graduação e pós-graduação de universidades se interessam em pesquisar nos acervos do Centro Cultural.

Ao se tratar de como a população não indígena olha para a Casa de Cultura Xerente, Silvino Xerente (2021) pontuou que:

A visão é diferente, porque, principalmente no Tocantins né, eles pergunta pra quê tá ficando essa casa aí, o quê que tem nessa casa né, e, e aí pra eles a nossa cultura não tem valorização principalmente no nosso município né, e até hoje falta muito apoio dos gestores do município. mas as pessoas de longe, as pessoas de longe Ronney, tem pesquisadores, professores da Universidade, considerava a casa da cultura muito importante né, e ali tinha todas, tinha todas histórias na verdade com participação dos anciãos, com a participação dos estudantes indígenas, com a participação de todos né (SILVINO¹³ XERENTE. Relato oral, 19 de junho de 2021).

De acordo com a colocação de Silvino as pessoas de fora dão mais valor à cultura do povo Xerente do que aqueles do próprio município e isso transparece na própria gestão municipal na forma de tratar o povo indígena e seus patrimônios materiais ou imateriais, no caso dos seus cantos, seus ritos, seus modos de fazer.

É notável a partir da pesquisa que os acervos da Casa de Cultura Xerente não são muito utilizados pela população de Tocantínia-TO, ficando mais restritos aos pesquisadores de universidades e aos professores e estudantes indígenas. Sabe-se que na Casa da Cultura Xerente existem vários exemplares de trabalhos de conclusão de curso, mestrados e doutorados sobre o povo Xerente, cartilhas sobre preservação ambiental entre outros documentos. Neste sentido, Silvino afirma que “Não indígena não vai lá não. Nunca vi um povo de Tocantínia sentado lá, uma professora do colégio né, ou então o diretor, lendo um livro, uma monografia ou então uma dissertação de doutorado, mestrado, da pessoa que já fizeram. Não tem interesse né” (SILVINO XERENTE. 19 de junho de 2021).

3.4 O que pensam alguns Akwẽ/Xerente atualmente sobre a Casa da Cultura

A Casa da Cultura Xerente tem sua importância para o povo Akwẽ/Xerente, principalmente porque se tornou uma metalinguagem da cultura dos Akwẽ//Xerente. Cunha (2009) evidencia que “falar sobre a “invenção da cultura” não é falar sobre cultura, e sim sobre “cultura”, o metadiscurso reflexivo sobre a cultura”. “Cultura” com aspas e cultura sem aspas existem simultaneamente. A Casa de Cultura como “referência” reflete

¹³ Entrevistado: Silvino Sirnãwe Xerente é professor, formado em licenciatura intercultural na ciência da cultura pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrando no PPGHISPAM – turma 2019. Sirnãwe não ocupou cargo de chefia no PROCAMBIX mas contribuiu de outras formas, pois trabalhou na roça do projeto que foi executado na área Xerente, como a de plantação de arroz.

a cultura em si dos Akwê/Xerente ao mesmo tempo em que representa uma metalinguagem criada pelos próprios Xerentes sobre si, para si e para os outros. Não que seja uma invenção da cultura, mas sim uma reorganização dela naquele edifício chamado Casa da Cultura Xerente.

Nas palavras de Edivaldo Xerente “ela é uma referência” porque:

hoje assim é o único patrimônio que ficou né. De tudo que aconteceu, os projetos né, o único que {...} e é uma referência né. Tanto é que hoje assim, hoje é sede da FUNAI né.
 {...}ela é referência porque... quando o pessoal quer se reunir, porque ela fica aqui, porque a cidade fica bem no centro né, porque são várias aldeias, então quando tem algum movimento né, ela é uma referência, lugar pra se reunir né, se encontrar tudo, e tem essa questão de sediar a FUNAI lá porque os pessoal tem a referência a hora que vai procurar lá né, quando vai mexer com {...} buscar documentação, alguma coisa, então assim, tem esse lado interessante. (EDIVALDO XERENTE¹⁴. Relato oral, 07 de julho de 2021).

Já na visão de Paulo Waikarñase Xerente a Casa de Cultura tem um ponto positivo para seu povo. Nas suas palavras a Casa da Cultura Xerene é um fruto do PROCAMBIX no presente.

Eu particularmente eu tenho um ponto positivo que a Casa de Cultura Akwê foi construída é... com a participação da comunidade indígena, porque os conselheiros vieram representar, os conselheiros indígena, no programa, vieram representar o povo Xerente. Então cada região (no Xerente, Brupré, Rio Sono, Brejo Comprido e Funil) tinha seus representante. Então a Casa de Cultura nasceu no meio, no olhar do povo Xerente. E isso tem um ponto positivo porque foi construído e que hoje tá aí, o fruto que ficou do recurso é... do recurso que foram destinados ao Programa de Compensação Ambiental Xerente e principalmente a questão da Casa de Cultura Akwê. Então outros projetos pouquíssima coisa ainda existe mas a estrutura física do fruto do recurso do PROCAMBIX ainda existe a Casa de Cultura Akwê (PAULO WAIKARÑASE XERENTE. Relato oral, 05 de julho de 2021).

Quando se trata dos pontos a serem melhorados na Casa da Cultura Xerente, Edivaldo Xerente aborda a falta de recursos e falta de apoio de órgãos que possam ajudar na manutenção ou organização do edifício. Assim elencou:

O que tinha que ser feito era arrumar uma parceria né, um órgão né, pra poder né {...}ou se não, antes nós tinha né, uma organização indígena

¹⁴ Entrevistado: Edivaldo Xerente é do povo Akwê/Xerente e formado em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. Trabalhou na coordenação de cultura entre os anos de 2003 e 2004. Segundo ele, dedicou-se ao fortalecimento da cultura Akwê e buscou elementos perdidos para mostrar para juventude.

que buscava recurso pra poder manter lá né. Hoje não tem mais essa organização né, não existe mais. Então assim, pra manter lá tem que ter um recurso né, de algum órgão assim pra poder manter tipo pra zelar, pra cuidar do acervo, pra {...} ou até buscar né outros documentos que tem por aí sobre a história Xerente. Pra poder guardar lá né, porque como hoje tem muito indígenas estudante né, de certa forma o povo precisa de algum {...} de alguma história né, que marcou lá no passado. Que a gente não tem né (EDIVALDO XERENTE. Relato oral, 07 de julho, 2021).

A técnica em enfermagem Vanda Sibakadi Xerente aborda que a Casa da Cultura Xerente não deixa de ser importante, porém faltam atrativos para chamar a atenção de visitantes e/ou pesquisadores.

Pra você ver, você passa ali tem uma casa redonda, uma casa ali coisada mas não tem a identificação vamos supor a pintura corporal uma coisa bonita ali na frente que poderia identificar, não tem. E aí, quem é que vem? Tocantínia vai lá? Tocantínia não vai. Miracema tem curiosidade de conhecer a Casa de Cultura? O quê que tem ali? Não tem. Praticamente assim um acervo uma coisa que pudesse chamar a atenção, uma reunião dos pessoal lá, um encontro dos pessoal, um canto, uma apresentação. Infelizmente é só uma casa. É o que eu vejo, a realidade é essa, infelizmente (VANDA SIBAKADI XERENTE¹⁵, relato oral, 26 de junho, 2021).

Ao falar da Casa da Cultura Xerente Vanda Sibakadi reforçou que hoje ela é só uma casa sem atrações, onde poderia haver apresentações de danças, cantos e pinturas corporais. Porém não há atrações, é só uma casa. “Uma casa que agora recentemente eu presenciei, fui lá, onde se distribui as cestas básicas, as cestas básicas doadas {...}” (Idem). Sobre isso, Cunha (2009) ao falar da cultura reflexiva enfatiza que

{...} a coexistência de “cultura” (como recurso e como arma para afirmar identidade, dignidade e poder diante de Estados nacionais ou da comunidade internacional) e cultura (aquela “rede invisível na qual estamos suspensos”) gera efeitos específicos (CUNHA, 2009, p. 373).

Neste sentido, o que Vanda afirma se resume nos “efeitos específicos” que a Casa da Cultura Xerente gerou para si, tais como a expectativa de que ela (a Casa da Cultura Xerente) transmitisse a identidade Akwẽ/Xerente através das apresentações, pinturas, entre outras que a mesma deseja fortalecida.

Vanda também cobrou retorno dos pesquisadores ao povo Xerente, sejam com livros, cartilhas ou dissertações. Informei-lhe que no caso desta pesquisa a mesma será disponibilizada para a Casa da Cultura Xerente impressa e em PDF.

¹⁵ Entrevistada: Vanda Sibakadi Gomes da Silva Xerente é técnica em enfermagem, além de fazer atualmente o curso de Serviço Social (2021). Também foi coordenadora de cultura e durante sua gestão trabalhou no sentido de gravar CDs dos cantos tradicionais dos Akwẽ/Xerente além de registrar seus momentos festivos em fotografias áudios e vídeos.

Portanto, sobre o que pensam alguns Akwẽ/Xerente sobre a Casa da Cultura Xerente, é evidente que é uma unanimidade entre eles em afirmar que ela é uma referência de fato física e de memória cultural no sentido representativo, pois a ela recorrem em momentos de grandes decisões, ou em momentos de decisões burocráticas cotidianas na cidade de Tocantínia - TO, a ela recorrem como representação da cultura do povo Xerente. Segundo Cunha (2009) “é preciso criar pontes ou passagem de interconexão”; e ela se tornou uma ponte de interconexão no sentido material.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada nota-se que o Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente – PROCAMBIX foi, em certa medida, importante para o povo Xerente, mas ao mesmo tempo durou pouco em comparação com os impactos culturais e ambientais sofridos pelos Akwẽ/Xerente.

O PROCAMBIX foi projetado entre os anos 2000 e 2001 e foi executado de 2002 a 2009 no povo Akwẽ/Xerente nas várias aldeias que este povo vive. As aldeias do povo Xerente são divididas em clãs, que são subdivisões políticas e sociais entre os Akwẽ/Xerente. Existem cantos tradicionais pertencentes a determinados clãs, assim como também um acervo próprio de nomes que cada clã pode nomear novas crianças. Pode-se perceber que as divisões clânicas não comprometem a aliança de toda comunidade Xerente enquanto povo, mas funcionam como uma forma de organização e política interna entre eles.

O PROCAMBIX pôde, em certa medida, mitigar alguns impactos culturais, já outros não, durante sua execução junto ao povo indígena Xerente. Propôs uma substituição da plantação de roça que outrora era realizada nas vazantes do rio Tocantins pela roça mecanizada. Isso só foi proveitoso enquanto o programa estava em funcionamento mas, a posteriori, não houve grande adesão por falta de recursos para se investir em máquinas e/ou tecnologias do campo.

O programa proporcionou a realização de festas culturais e o registro delas. Uma delas inclusive estava sem se fazer a muito tempo. Já durante a execução do programa havia recursos disponíveis para promover a alimentação o transporte e toda organização nas aldeias. Todos os anos, são realizadas as festas tradicionais dos Akwẽ/Xerente, porém à época do programa elas foram mais intensas, e por esse motivo gerou-se muitos registros fotográficos e gravação de CD e DVD de cantos e rituais. Sobre esse ponto Paulo Waikarñase revelou em entrevista

A cultura pra mim foi uma das coordenações mais importantes que teve durante esse programa porque é... muitas coisas que foram gravado, filmado, ficaram na cultura e outra coisa, um passo grande que nós tivemos, que isso ficará por tempo, foi a Casa da Cultura que foi construído com recurso dentro da cultura né, e hoje temos aí, de todos os projetos que foram realizados a Casa da Cultura continua firme aí em Tocantínia, na cidade, e hoje tá sendo a sede da FUNAI e também de associações. E então isso foi feito durante os recursos, foram aplicados nas, é... pra acompanhar as festas culturais, os anciões que muitos partiram pra eternidade, isso mais muitas é... material foram adquiridos através desses anciões, como João Paulinho, Joaquim Calixto, Justiniano, e vários outros anciões que realmente contribuíram

na forma direta e indiretamente que hoje temos material colhido através da coordenação de cultura (PAULO WAIKARÑASE XERENTE. Relato oral, 05 de julho, 2021).

A duração do PROCAMBIX se limitou a 08 anos porque durante a negociação o povo indígena, sem saber avaliar os impactos corretamente no aspecto temporal, aceitaram a proposta da INVESTCO S.A, a financiadora dos recursos, e, com o passar do tempo, se arrependeram de não ter negociado de outra forma que fosse mais duradouro, assim como a usina o é. No decorrer do programa o Ministério Público Federal do Tocantins, em um dos pareceres semestrais percebeu que havia gastos descontrolados pela administração do PROCAMBIX e sugeriu o aumento da duração do programa para 16 anos. Assim consta em De Paula (2005)

O Ministério Público Federal do Tocantins assinalou que o Procambix se parecia com uma “locomotiva desgovernada a 100 km por hora e que precisaria diminuir sua velocidade para 10”. Nesse registro, o MPF/TO sugeriu a duplicação dos anos de repasse de investimentos, de oito para dezesseis, o que foi recusado pelo financiador. Segundo o MPF, a extensão dos valores de repasse permitiria um controle maior dos gastos. Além do mais, permitiria também que os Xerente dominassem, gradativamente e com maior eficácia, a gerência dos recursos (DE PAULA, 2005, p. 714)

Apesar de o MPF/TO ter sugerido o aumento do tempo de duração do programa, a empresa responsável pela usina se recusou em aumentar, ficando nos oito anos apenas.

Quanto à execução do programa, o investimento foi firmado em 10 milhões de reais entre INVESTCO S.A (empresa proprietária da UHE Luiz Eduardo Magalhães) e FUNAI (Fundação Nacional do Índio), que foi parcelado semestralmente de 2002 a 2009 totalizando em dezesseis parcelas repassadas. Depois do dinheiro na conta da FUNAI em Brasília-DF, este era enviado para a gerência da mesma em Gurupi e posteriormente distribuído aos projetos a partir da Associação Indígena Akwê (AIA) em Tocantínia - TO. Então era aberta a licitação e feita a cotação de preços para aprovação e a saída do dinheiro e por fim a execução dos projetos previstos. Esse modelo de trâmite de recurso público foi muito criticado entre os Akwê/Xerente.

Isso também ocasionou a demora no cumprimento de muitas metas de todo o programa de compensação, inclusive a meta na área cultural, que foi a construção da Casa da Cultura Xerente, que seria usada como sede para o PROCAMBIX, porém só foi finalizada em 2009.

Portanto, o Programa de Compensação Ambiental Indígena Xerente (PROCAMBIX), que teve como objetivo mitigar os impactos culturais e ambientais

causados ao povo Xerente a partir da formação do lago da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, conseguiu realizar parte das ações propostas em pelo menos 50% de aproveitamento, de acordo com esta pesquisa.

No tocante à salvaguarda da cultura Akwẽ num sentido geral, pode-se dizer que a construção da própria Casa da Cultura Xerente através dos recursos do PROCAMBIX, e a gravação de CDs e DVD imortalizaram a “cultura” “para si”. Desde que sejam preservados, podem contribuir na salvaguarda da cultura Xerente, mas não que seja a própria cultura “em si”. Porém, a própria salvaguarda da cultura Akwẽ/Xerente só ocorrerá se eles próprios continuarem em sua existência e a sua vivência cotidiana, em suas práticas tradicionais realizadas ano a ano, desafiando o tempo e sendo eles mesmos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de historia oral**. 2 ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/viewFile/987/2958/> Acesso em: 20 julho. 2020.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Memória e Sociedade. Difel, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/29641559/Roger_Chartier_A_hist%C3%B3ria_cultural_entre_pr%C3%A1ticas_e_representa%C3%A7%C3%B5es Acesso em: 15 dez. 2019.

CORDEIRO, Angela. **Avaliação dos projetos desenvolvidos no âmbito do programa de compensação ambiental xerente –Procambix**. Relatório final da avaliação. Palmas -TO, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **"Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais**. In: . *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. Disponível em: <https://fredericomb.files.wordpress.com/2017/03/cunha-manuela-carneiro-cultura-e-cultura-cultura-com-aspas.pdf> Acesso em: 18 nov. 2019.

DE PAULA, Luiz Roberto. Descaminhos do Programa de Compensação Ambiental. Povos indígenas no Brasil. Goiás / Tocantins / Maranhão: **Instituto Socioambiental (ISA)**, 2001/2005, p. 712-714. Disponível em: https://www.academia.edu/38741314/Descaminhos_do_Programa_de_Compensa%C3%A7%C3%A3o_Ambiental_Xerente Acesso em: 17 dez. 2019.

DE PAULA, Luís Roberto. **Xerente – Verbete da Enciclopédia dos Povos Indígenas**. ISA, Instituto Socioambiental, 1999. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/xerente/xerente.shtm>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. - 1. ed., 13. reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf Acesso em: 17 set. 2019.

GIRALDIN, O. Escola na aldeia e professor indígena na universidade: reflexões sobre formação e prática docente xerente. **Caderno Pós Ciências Sociais (UFMA) (Cessou em 2005. Cont. 1983-4527 Revista Pós Ciências Sociais (UFMA))**, v. 7, p. 31-44, 2010. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/559> Acesso em: 10 jul. 2020.

GIRALDIN, Odair; SILVA, Cleube Alves da. Ligando Mundos: relação entre xerente e a sociedade circundante no século XIX. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, 2002. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/neai/?p=372> Acesso em: 12 jun. 2020.

HIDROENERGIA – **O que é uma UHE (Usina Hidrelétrica)?** Disponível em: <https://www.hidroenergia.com.br/o-que-e-uma-uhe-usina-hidreletrica/> Acesso em: 15 jul. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html> Acesso em: 05 Ago. 2020.

IGLESIAS, Esther. **Reflexões sobre o que fazer da história oral no mundo rural.** DADOS - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol. 27, n. 1. 1984.

LIMA, Layanna Giordana Bernardo. **Os akwe – xerente no Tocantins: território indígena e as questões socioambientais.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana. São Paulo, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde11042017082645/publico/2017_LayannaGiordanaBernardoLima_VCorr.pdf Acesso em: 02 de dez.2019.

PROJETO, Programa de Compensação Ambiental Xerente – Procambix. **Preservação xerente é o x da questão.** Funai/ Investco S/A, 2001.

SETUBAL, Sylvia Salla et al. Gerenciando programas de compensação ambiental de usinas hidrelétricas: relato de uma experiência indígena no Procambix. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 165-183, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/78392/0> Acesso em: 15 mai. 2020.

SCHROEDER, Ivo. **Política e parentesco nos Xerente.** 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17072007-113712/pt-br.php> Acesso em 15 fev. 2020.

SCHROEDER, Ivo. Os Xerente: estrutura, história e política. In: **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 67-78, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70315011007.pdf> Acesso em: 15 jun. 2020.

SILVA, Cleube Alves da. **Confrontando mundos: Os Xerente, Xavante, Xakriabá e Akroá e os contatos com os conquistadores da Capitania de Goiás (1749-1851).** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados: UFGD, Dourados-MS, 2006. Disponível em: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/04/Disserta%c3%a7%c3%a3o-Mestrado-Hist%c3%b3ria-2006-Cleube-Alves-da-Silva.pdf> Acesso em: 20 jun. 2020.

SILVA, Cleube Alves da. Os Xerente e os “outros”: contatos e vivências no médio rio Tocantins (1739-1999). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300924820_ARQUIVO_TextoSNH2001.pdf Acesso em: 02 ago. 2019.

XERENTE, Ercivaldo Damsôkêkwa Calixto. **Processos de educação Akwê e os direitos indígenas a uma educação diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas**

relações com a prática escolar. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Goiás: UFG, Goiânia-GO, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6935/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Ercivaldo%20Damsokewa%20Calixto%20Xerente%20-%202016.pdf> Acesso em 06 set. 2019.

XERENTE, Valcir Sumekwa. **Conhecimentos Akwẽ e conhecimentos científicos ocidentais sobre meioambiente e interações das espécies da fauna. Um estudo na interdisciplinaridade e interculturalidade.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) Universidade Federal do Tocantins: UFT, Palmas-TO, 2020. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2348> Acesso em 10 jan. 2022.

ENTREVISTAS:

PARRIÃO, Darlucio Veras. (50 anos de idade – não indígena). **Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwẽ/Xerente de 2002 a 2009.** [entrevista concedida a] Ronney Ribeiro Batista pelo whatsapp áudio. Universidade Federal do Tocantins - Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas, Porto Nacional-TO, 20 de dezembro, 2021.

XERENTE, Edivaldo. (53 anos de idade – indígena). **Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwẽ/Xerente de 2002 a 2009.** [entrevista concedida a] Ronney Ribeiro Batista pelo google meet. Universidade Federal do Tocantins - Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas, Porto Nacional-TO, 07 de julho, 2021.

XERENTE, Paulo Waikarnãse. (47 anos de idade – indígena). **Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwẽ/Xerente de 2002 a 2009.** [entrevista concedida a] Ronney Ribeiro Batista pelo whatsapp áudio. Universidade Federal do Tocantins - Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas, Porto Nacional-TO, 26 de junho, 2021.

XERENTE, Silvino Simnãwe. (46 anos de idade – indígena). **Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwẽ/Xerente de 2002 a 2009.** [entrevista concedida a] Ronney Ribeiro Batista pelo google meet. Universidade Federal do Tocantins - Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas, Porto Nacional-TO, 19 de junho, 2021.

XERENTE, Vanda Sibakadi. (54 anos de idade – indígena). **Estudo das ações culturais previstas no PROCAMBIX para o povo indígena Akwẽ/Xerente de 2002 a 2009.** [entrevista concedida a] Ronney Ribeiro Batista pelo google meet. Universidade Federal do Tocantins - Mestrado Profissional em História das Populações Amazônicas, Porto Nacional-TO, 26 de junho, 2021.